

237

DEPOSITO LEGAL
M.R. 1941

MUNDO GRÁFICO



A Imperatriz Isabel
de Portugal
interpretação admirável
dum pintor
do
século XVI



O salão nobre



O claustro de entrada do Museu Conde Castro Guimarães

COSTA DO SOL CASCAIS - ESTORIL

Como joia de inestimável valor proporciona-nos a Costa do Sol, em Cascais, séde de um dos nossos mais importantes concelhos, ainda recentemente elevado à primeira classe, residência do ilustre Chefe do Estado e um centro turístico de velhas tradições, o Museu Biblioteca Conde Castro Guimarães hoje pertença da vila por disposição testamentária do seu antigo proprietário.

O característico e inconfundível aspecto exterior do edificio, a sua privilegiada situação sobranceira ao mar com o qual pode comunicar directamente, o elegante claustro que lhe dá acesso, os salões repletos de valiosos tesouros artísticos, a riquíssima biblioteca que tem merecido as mais eloquias referências dos seus visitantes, nomeadamente os estrangeiros, alguns dos quais já têm exteriorizado publicamente a sua admiração, os floridos jardins que o circundam onde se encontra a capela, actualmente em restauração, o extenso parque de largos e bem arborizados arruamentos, completam esta instalação de que Cascais pode legitimamente orgulhar-se.

Quando se fundou o Parque Estoril, numa bem inspirada previsão do futuro que lhe estava reservado, construíram-se à sua entrada duas galerias com várias instalações destinadas a estabelecimentos comerciais e alguns outros mesmo de utilidade pública, como a estação dos Correios e Telégrafos, a filial do Banco Lisboa e Açores, Sociedade Propaganda da Costa do Sol, Wagons-Lits e a Junta de Turismo de Cascais.

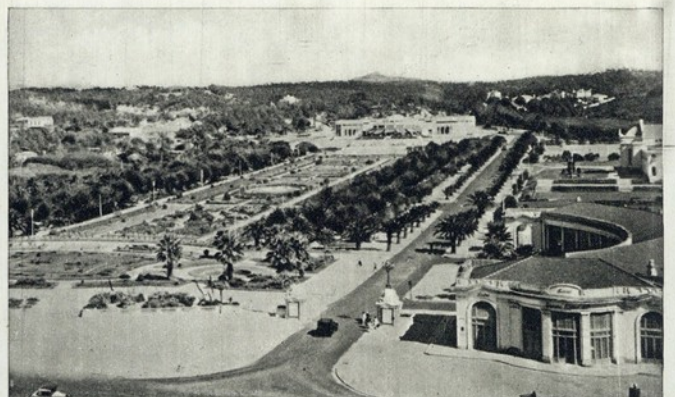
E de inteira justiça registar que vários desses estabelecimentos se não têm poupado a esforços no sentido de modernizarem as suas instalações, contribuindo assim eficazmente para o embelezamento local tão necessário ao justificado prestígio de que hoje goza esta nossa privilegiada zona turística.



A sala da Biblioteca



A inauguração das actuais instalações do «Galo de Ouro»



As instalações da Empresa Eléctrica

«Galo d'Ouro», a frutaria do Parque Estoril, que o antigo comerciante desta região, José Paulino de Almeida, fundara, inaugurou em Julho do ano findo as suas novas instalações passando a ocupar três lojas contíguas. E, sem dúvida, o primeiro estabelecimento da especialidade no País, não só pelo luxo com que foi montado, como ainda pela artística disposição dos artigos que expõe nas três vastas vitrines que dão sobre as galerias e nas várias vitrines interiores, tudo realçado por uma brilhante iluminação que o destaca vivamente de todos os demais.

Esta iniciativa, por muitos considerada extremamente audaciosa, encontrou o mais animador acolhimento por parte dos habitantes e visitantes dos Estoris, nacionais e estrangeiros que ali encontram o mais completo sortimento de frutas frescas e tropicais e mercearias finas com toda a extensa gama de produtos inrentes, de molde a satisfazer a mais exigente clientela.

O Pavilhão do lado nascente das Arcadas está, desde o início, ocupado pela Empresa Eléctrica, L.da, uma das mais importantes organizações na sua especialidade, com sedes também em Lisboa, rua da Prata, 123 e em Sintra na Avenida Miguel Bombarda.

A exposição permanente que apresenta dos vários produtos que serve aos seus numerosos clientes, artigos sanitários, aparelhos de iluminação e calefaccio, utensílios domésticos para todas as aplicações e curiosos bibelots decorativos prende muito justamente as atenções gerais.

E também depositária da Rádio Philips de que expõe os vários modelos e ainda da Cidra que tanto sucesso aqui alcançou. Habilidade a fazer quaisquer projectos, dos mais simples aos mais complexos, e a executá-los com inteira segurança, o Estoril deve-lhe algumas das suas mais importantes obras nesta especialidade.

Sumário

- CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»
- HERBERT MORRISON, biografia
- O QUE FAZ GAGO COUTINHO?, de R. J.
- RECONSTITUIÇÃO DO ATAQUE DA R. A. F. a TARENTO, por um artista inglês
- O PAÍS DO VINHO, pelo dr. Sousa Costa
- O PALÁCIO DE BUCKINGHAM, por Norman Hillson
- QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA?, inquérito. Responde o dr. Joaquim Manso
- AS FORÇAS AÉREAS BRITÂNICAS, pelo capitão-aviador Edgar Cardoso
- RAINHAS PORTUGUESAS, pelo prof. dr. Reinaldo dos Santos
- A INGLATERRA É UMA FORTALEZA!, dupla página com fotografias inéditas da guerra
- E O ESTÁDIO FEZ-SE...
- A SÉRIE «KING GEORGE V», por Maurício de Oliveira
- AS IRMÃZINHAS DOS POBRES
- A TERRA DOS DIAMANTES, por S. Saboya
- IMAGENS DA GUERRA, página gráfica
- FIGURAS E FACTOS
- «O FUMO DO MEU CIGARRO», por César dos Santos, com fotografias de J. Lobo
- O GOLF JOGA-SE HÁ 500 ANOS, por Fernandes de Oliveira
- A VIUVA ALEGRE DE UM AMERICANO TRISTE, novela de Luiz de Oliveira Guimarães
- CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha
- NA GRÃ-BRETANHA COMEÇOU A GRANDE BATALHA DO FILME, por António Lourenço



A mão que embalou o berço vai defender a Inglaterra

TEMPO é dinheiro!..
 Faça do
ETERNA
 o seu companheiro
 fiel que garante a pontualidade em todos os atos de sua vida.

NAS BÔAS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS

Para
 conhecer
 Portugal
 consulte
 a *C. P.*

▲

Informações:
 em tôdas as estações

— em Lisboa, no serviço do Tráfego — Telefone 2 4031

▼

— no Pôrto, na estação de S. Bento — Telefone 1722

CURIOSIDADES CIENTÍFICAS

A PRODUÇÃO INDUSTRIAL DO FRIO E AS SUAS APLICAÇÕES

Na escala tremométrica a região do frio — convencionalmente — é constituída pelo conjunto de temperaturas inferiores à do gelo fundente, quer dizer, compreendidas entre zero graus e o zero absoluto (273 graus negativos). A especulação industrial e científica do frio começou em 1870, depois que Charles Tellier, o «pai do trio», propôs a sua aplicação para conservar os géneros alimentícios.

Julgou-se, durante muito tempo, que certos gases, como o oxigénio, o hidrogénio, o hélio e os chamados gases raros da atmosfera, eram permanentes, o que equivalia a afirmar-se a impossibilidade de fazê-los passar ao estado líquido e sólido. O que é certo, porém, é que não tinha sido possível, então, atingir temperaturas suficientemente baixas. As misturas frigoríficas, como as de cloreto de sódio e neve, que produzem temperaturas negativas de cerca de vinte graus e meio e as de neve e potassa com as quais é possível obter cerca de quarenta e um graus, eram insufi-

cientes. Construíram-se, todavia, as máquinas frigoríficas, baseadas na evaporação e liquefação de um fluido volátil. A evaporação rápida de um líquido apropriado, a que se deu o nome de agente frigorífico, é acompanhada sempre de um abaixamento considerável de temperatura. Foi com uma máquina semelhante que, em 1900, Georges Claude logrou obter o ar líquido. Depois, foi possível, sucessivamente, liquefazer o oxigénio, o hidrogénio e o hélio, a temperaturas, respectivamente, de 181,4, 252,8 e 267 graus negativos. Hoje, aqueles gases podem ser apresentados no estado sólido. A possibilidade de liquefazer os fluidos gasosos trouxe, imediatamente, um importante benefício. Se a temperatura de vaporização de cada gás é diferente da dos restantes, utilizando temperaturas sucessivamente mais baixas, é possível separar todos os elementos do qualquer mistura gasosa. Assim se conseguiu separar os gases raros da atmosfera, entre os quais o néon, modernamente tão aplicado nos reclamos luminosos.

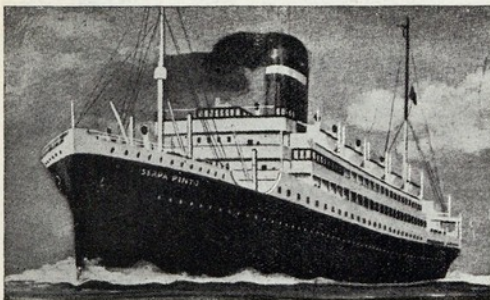
O ar líquido, por exemplo, permite separar facilmente os seus principais constituintes — o oxigénio e o azoto — aplicando-se a mesma propriedade, o que é de inestimável valor industrial, em consequência do baixo preço que resulta para a obtenção do oxigénio isolado, cujas aplicações são variadíssimas: corte de metais pelo maçarico oxiacetilénico, fabrico de pedras preciosas artificiais, explosivos de oxigénio líquido, etc. Além disto, são curiosíssimos os efeitos produzidos pelo ar líquido nalguns corpos. Um tubo de borracha nele mergulhado adquire extraordinária dureza, produz, quando com êle se toca numa garrafa, o ruído característico de uma vareta metálica e fragmenta-se como o vidro sob o choque de um martelo; as flores parecem de porcelana e desfazem-se em pó ao mais ligeiro toque; uma barra de chumbo torna-se elástica como uma barra de aço; e um sino daquele metal adquire a sonoridade de um sino de bronze.

As temperaturas vizinhas da do ar líquido, também têm influência

sobre os seres vivos. Sa mergulharmos um tubo de vidro lacrado, contendo leite, num vaso com ar líquido, e aí o conservarmos durante algum tempo, observamos, quando o trazemos para a temperatura ambiente, que êle se transformou em sede de fermentações putridas. Em 1929, o físico francês Paul Becquerel efectuou uma interessante experiência acerca da duração do poder germinativo dos grãos de polen das plantas, que é, á temperatura ordinária e na obscuridade, de setenta a oitenta dias. Introduziu alguns grãos de polen num tubo de ensaio onde, em seguida, fez o vácuo, e mergulhou-o, durante sete horas, em hélio liquefeito. Aberto o tubo, que conservou à temperatura ambiente, passados quatro meses, Becquerel verificou que o poder germinativo permaneceu inalterável, enquanto o dos grãos de pólen da mesma planta que não foram submetidos áquela operação se perdera completamente. Pode imaginar-se, pois, o extraordinário interesse biológico de tal conservação.

OS PAQUETES

da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE "SERPA PINTO"

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas —

PAQUETES

«Sarpa Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Ganda»	6.770 »
«Pungue»	6.290 «
«Malange»	5.050 «
«Lobito»	4.200 «
«Sena»	1.420 «

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgílio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez

Vinhos do Porto

Tio Pepe
Amorosa
A. B.
Nectar
Solera 1847

Jerez

3 Copas
Soberano
Insuperable

Aguardentes
Jerezanas

Superior Tawny
Special Tawny
Port in Sight
«54 Port.»

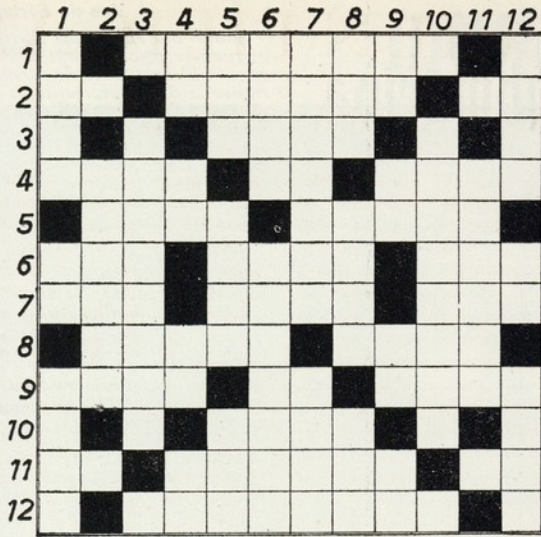
Vinhos do Porto

Depositários:

GARLAND, LADLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)



PROBLEMA N.º 9

HORIZONTAIS

- 1 — A parte mais alta das cidades da Grécia.
- 2 — Nota musical; limpava; comisseração.
- 3 — Lérias (inv.).
- 4 — Tira (verbo); levantem.
- 5 — Título dado na Inglaterra aos pares do reino e aos membros da câmara alta; o maior poeta inglês do século passado, cuja vida foi o mais duro sacrifício com que a Inglaterra contribuiu para a causa da independência da Grécia, contra os invasores muçulmanos.
- 6 — Abecedário; cantiga; monarca.
- 7 — Curso natural de água que deságua no mar; luz da Lua; claridade do Sol.
- 8 — Debruas; morto (inglês).
- 9 — Argola; a ti; nome dum fruto (pl.).
- 10 — Nome dado a cada um dos gigantes que quiseram escalar o Céu para destronar Júpiter.
- 11 — Nota musical; maço de escultor; pertences.
- 12 — Lastimosa.

que traduz o esforço potencial necessário para levantar num segundo um peso de 75 quilos a 1 metro de altura; aspecto; consoantes iguais; pedra de moinho.

- 5 — Chefe etíope; calha para dar escoamento a água e a outros líquidos; semelhante.
- 6 — Rezar; rural.
- 7 — Vedava; espaço celeste.
- 8 — Língua que outrora se falava no Norte da França; medida inglesa equivalente a 91 cm. (inglês); ligo.
- 9 — Além; andar; pron. pess.; tempo do verbo «ser».
- 10 — Punha-se de acôrdo.
- 11 — Célebre poema grego de Vergílio.
- 12 — Filtram; caminhava; imposto de transmissão.



Solução do problema n.º 8

VERTICAIS

- 1 — Algumas; viração; parte imaterial do ser humano.
- 2 — Nome que teve a velha Inglaterra.
- 3 — Agachei.
- 4 — Iniciais da expressão mecânica



Os veteranos do exército inglês, cobertos de anos, de glória, e de cicatrizes, no dia da Festa do Império. São heróis autênticos, arrancados às novelas de Kipling, que viveram toda a epopeia das campanhas nas terras dissidentes do ultramar. O pequeno inglês, num gesto de ternura patriótica, entrega a cada um ramo de flores, com as côres da bandeira do império

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório

Material de Desenho

Casa especializada em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta, lapiseiras, carnets, albuns para fotos, pastas para mensagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livraria

A N U N C I A R

N O

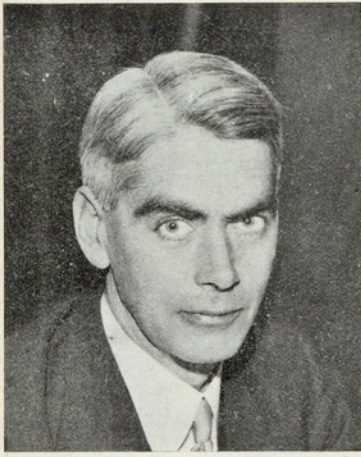
“Mundo Gráfico”

É GANHAR DINHEIRO!

Revista de larga expansão
que é lida por toda a gente

Os seus reclamos são valorizados por uma brilhante apresentação gráfica

Consultem a nossa tabela



HERBERT MORRISON

Herbert Morrison pode ser considerado um dos mais brilhantes tipos do self made man. A sua energia, a sua inteligência, a sua tenacidade que é uma das qualidades primordiais da raça inglesa, fizeram-no ascender das mais humildes profissões a um lugar de chefe na política do seu país. Os princípios da sua juventude foram duros, mas a sua vontade conseguiu triunfar de todas as circunstâncias hostis. O homem que tem um destino há-de sempre revelar-se. Não precisa dum «clima» favorável, mas sim de saber bater-se contra a adversidade com teimosia e persistência. Eis o caso do nosso biografado, hoje uma das mais consideradas cabeças do partido trabalhista. Começou por ganhar a vida como groom, depois foi telefonista.

Herbert Morrison cedo se revelou uma personalidade vigorosa e conquistou uma posição de destaque na vida inglesa e na política. Filiado no partido trabalhista foi derrotado nas eleições de 1924 e 1931. A sua reputação era já nessa altura enorme. Conhecendo admiravelmente a cidade de Londres e as suas necessidades, foi, durante muitos anos, a alma da representação trabalhista na sua municipalidade.

O trabalho que desenvolveu no desempenho das suas funções municipais deu-lhe a fama de ser um dos mais completos temperamentos de organizador do seu tempo, em Inglaterra.

Escolhido na eleição de 1935 conquistou, rapidamente, nos Comuns, a fama de parlamentar hábil e persuasivo. Ministro dos Transportes do Governo trabalhista (1929-1931) a sua acção foi classificada como o único verdadeiro êxito da política governamental do seu partido.

Durante o período agitado que acompanhou o rearmamento interno do Reich foi um adversário irreductível da política de apaziguamento. Quando se constituiu o governo nacional (Maio de 1940) foi chamado a sobraçar a pasta dos Abastecimentos. Churchill escolheu-o depois para ministro do Interior com o encargo de resolver o problema dos abrigos. Tem, nos últimos tempos, revelado grande energia na repressão dos manejos comunistas em Inglaterra.

A guerra submarina

O mundo espera que, na próxima primavera, se dêem acontecimentos sensacionais. Há quem veja o fim da guerra dentro de poucos meses e quem considere que ela durará ainda alguns anos. A doutrina da guerra relâmpago ou, pelo menos, da guerra a curto prazo, foi desmentida pelos acontecimentos. Enquanto a Inglaterra conta com a possibilidade, e mesmo com a iminência, da invasão, o Reich, pela voz dos seus mais autorizados representantes, anuncia o propósito de intensificar, até proporções imprevisíveis, a actividade submarina.

É impossível responder exactamente a estas duas perguntas fundamentais: Quantos submarinos tem a Alemanha em serviço? Quais são as perdas da marinha mercante inglesa, desde o início das hostilidades? Os números divulgados pelos elementos da propagação e pelas notas oficiais de origem alemã não coincidem com os elementos fornecidos, semanalmente, pelo Almirantado.

É costume apresentar deduções e cálculos, de ordem técnica e de ordem política, sobre a base duma comparação entre as perdas sofridas durante a conflagração de 1914-1918 e o conflito actual. Nas vésperas da última guerra (30 de Junho de 1914) havia em serviço, sulcando todos os mares, navios mercantes que totalizavam 43.154.000 toneladas; em 30 de Junho de 1939, dois meses antes da guerra actual, êsse número estava elevado a 69.440.000 toneladas, ou seja mais 61% do que há vinte e cinco anos. Esta simples indicação basta para demonstrar que, a-pesar dos desgastes e dos prejuízos sofridos, o período de paz que se prolongou entre 1918 e 1939 viu aumentar os recursos mundiais em transportes marítimos e melhorar a indústria de construção naval.

No decurso da última conflagração as perdas em navios mercantes, por acções de guerra, atingiram 7.759.000 toneladas, equivalentes a dois quintos da totalidade existente. A maior parte destas perdas (60%) segundo os melhores cálculos) foi suportada pela marinha mercante inglesa.

Os números relativos ao primeiro ano da guerra actual são tranquilizadores. As perdas das marinhas mercantes beligerantes e neutras ascendem a 4.040.330 toneladas (5,82% dos recursos mundiais) assim descritos: tonelagem inglesa, 1.539.136; nações aliadas da Inglaterra, 462.921 toneladas; navios neutros, 769.213 toneladas; navegação das nações do «eixo», ou sob o seu contróle, 1.269.000 toneladas. A proporção das perdas totais em relação aos recursos totais é de 1/15. A manter-se êste ritmo, pode calcular-se uma duração de seis anos ao actual conflito para que os estragos verificados atinjam o nível da última conflagração.

Pelo que particularmente diz respeito à marinha mercante da Gran-Bretanha, os prejuízos verificados no primeiro ano de hostilidades, em relação à tonelagem global sob pavilhão britânico em 1 de Setembro de 1939 (21.215.000 toneladas pelos números do "Lloyd's Register of Shipping") cifram-se numa percentagem relativamente pequena, 7,25%. Este número é tanto mais sintomático quanto é certo que não entra em linha de conta nem com as novas construções, nem com o auxílio que as marinhas mercantes dos países em estado de ocupação (Noruega, Bélgica, Holanda, Dinamarca) ou combatendo ao lado da Inglaterra, as quais somam oito a dez milhões de toneladas, passaram a dar à Gran-Bretanha.

Os números que apresentamos indicam que, a não ser que a campanha submarina tome um incremento novo e desusado, as dificuldades com que o povo inglês luta para o seu abastecimento não são irremovíveis e que as perdas actuais não têm comparação com as que se verificaram na Grande Guerra.

O OBSERVADOR

Sobre o drama da Europa ergueu-se, agora, a voz de Portugal! É um apelo de ternura nobre e desinteressado a favor das crianças vítimas da guerra. Quantas já não morreram, inocentemente, pagando com a sua existência pura, imaculada, a dívida horrível aberta por esta guerra contra a civilização?

A ideia levantada pelo Diário de Notícias é uma cruzada generosa, que necessita a colaboração de todos. No meio das labaredas que abraçam a Europa, há que salvar a geração de amanhã, futuro da humanidade. Sabemos que se pensa em construir, no Bussaco, uma pequena cidade abrigo. Mais dum milhão de contos podem ser aplicados pela comissão de socorros às crianças europeias pelos Estados Unidos, assim o declarou o sr. Charles R. Joy. Dinheiro não falta, e homens de boa vontade também não. Portugal, pela mão de Salazar, saberá realizar essa obra maravilhosa de ternura humana. A semente lançada à terra, em hora de inspiração, vai germinar! Na próxima primavera, Portugal cobrir-se-á de flores — e nós não sabemos distinguir-las dos nossos filhos, todas iguais no mesmo abraço profundo, amoroso e fraternal!

A guerra na Eritreia



A campanha da Eritreia atingiu agora o seu pleno desenvolvimento estratégico. A penetração inglesa alcançou já

metade do território, dominando a linha férrea da colónia que, vinda de Massauá, serve Asmara. Enquanto uma coluna actua na Abissínia, tendo como objectivo Gondar, nas margens do lago Tana, as forças que operam na Eritreia, uma vez conquistada Asmara, devem inflectir para o sul, atravessando a fronteira etíope pelo mesmo sítio onde, há cinco anos, entraram os italianos. Resta, na Eritreia, o importante porto de Massauá, no Mar Vermelho, que tudo indica deve ser atacado numa acção conjunta das forças terrestres e da esquadra inglesa.

Benghazi

A conquista de Benghazi é uma grande vitória inglesa. Toda a Cirenaica está agora dominada. O general Wawell, a quem já chamam o «feticheiro do Nilo» revelou-se um notável estratega. A sua facanha não tem par nas campanhas coloniais. Em frente das vanguardas de Wawell estende-se agora um deserto de quinhentos quilómetros de comprimento, que é terra de ninguém. A progressão inglesa é tão fulgurante, que não é possível saber, exactamente, o último ponto atingido. Eis os resultados da vitória de Bârdia. Foi ali, afinal, que se decidiu toda a campanha da Líbia.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: **ARTUR PORTELA**Editor: **ROCHA RAMOS**Propriedade de «Mundo Gráfico», L^{da}

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^ª, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1650

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O PIONEIRO DA AVIAÇÃO TRANSATLANTICA, RODEADO DE LIVROS NUMA CADEIRA DE «DECK», TRAÇA AS ROTAS DOS GRANDES NAVEGADORES PORTUGUESES

O QUE FAZ GAGO COUTINHO ?

Numa pitoresca casa, do bairro da Esperança, que parece um navio, o grande almirante lê, escreve, constrói aparelhos de telefonia, e lembra-se de madame Pompadour

E' ali, num segundo andar da rua da Esperança, que vive o almirante Gago Coutinho. Quem não conhece o corpito paradoxalmente meúdo e robusto a contornar a mesma gabardine, a boina à Pio Baroja a cobrir a calva reluzente e os maxilares proeminentes a desafiar caricaturistas, do "herói nacional N.º 1", pela popularidade? Recebeu-nos, uma destas manhãs, na intimidade da sua casa, tôda ela um relicário de ciência e de recordações gloriosas.

Pois é verdade. O leitor raras vezes imagina quantos sacrifícios custa uma reportagem. Sim, porque o jornalista é, habitualmente, um cidadão que se levanta muito tarde. Pelo contrário, o sábio é regra geral, um individuo que se ergue muito cedo e... marca entrevistas de madrugada. Mas, o "grande," almirante foi benevolente e abriu-nos a porta do

seu transcendente gabinete de trabalho só às onze horas. Pontualidade rigorosamente britânica.

Livros, muitos livros, uma secretária e um estirador de desenho, fotografias e quadros, duas portas de sacada cheias de sol e a pergunta a bailar-nos nos lábios reccosa e tímida. A timidez é o mais grave defeito do jornalista, mas, sinceramente, audácia não quer dizer impertinência. E, perguntar, a quem quer que seja, o que faz desde que acorda até que adormece, não é lá coisa muito agradável, tanto mais que a resposta pode ser outra pergunta — a mais desconcertante de tôdas — se não fôr um imperativo.

O fato de cotim desajeitado e as pantufas confortáveis adaptavam-se rigorosamente ao ambiente de trabalho e à tradicional modéstia do navegador do "Lusitânia",.

— Levanto-me, sempre, antes das oito horas — disse-nos o nosso ilustre entrevistado, quando arriscámos a primeira pergunta. — Depois, trabalho até às dez e meia. Leio, escrevo, dedico uns minutos ao astrolábio...

E, seguindo o rumo das palavras, mostrava-nos dois modelos do precioso instrumento que levou os nossos navegadores às mais longínquas paragens: um, construído em madeira e outro em latão.

— Dedico muito do meu tempo — disse — à investigação histórica dos descobrimentos. Neste mapa, que concluí há dias, desenhei a rota provável de Vasco da Gama no descobrimento do caminho marítimo para a Índia. Será para o futuro Museu de Marinha. Não sei se sabe que ainda não temos um Museu de Marinha. Ninguém pensa nestas "futilidades," meu amigo.

— O sr, almirante tem alguma obra entre mãos?

— Nem pensar nisso. Escrevo por necessidade espiritual. Publico o que calha e onde calha. Mas, a maior parte da minha papelada fica na gaveta.

— Porque não escreve, ao menos, as suas memórias?

— Para quê? Ninguém lhes ligaria importância. Só a mim interessam. O que tinha a dizer está dito.

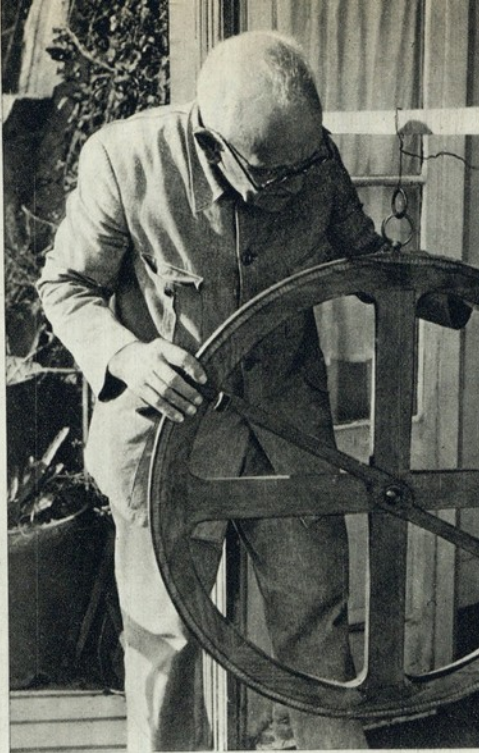
E, retomando o fio das suas confidências, continuou:

— Pois como lhe dizia, trabalho até às dez e meia. Sabe? também gosto de electricidade. Enfileiro ao lado dos maniacos radiófilos e construo os meus aparelhos de telefonia. Depois, almoço.

Pegou-me no braço e levou-me à sua pequenina sala de mesa.

— E' a minha única refeição substancial. Não janto. Vê aquêlê quadro? — E apontava-nos uma oleogravura colocada na parede, mesmo em frente do seu lugar. — E' uma reprodução da célebre "Jangada da Medusa", guardada no Louvre. Os desgraçados passaram fome de rabo. E' o meu aperitivo...

Reparámos num prato tosco ao lado de um aparador. Tem esta inscrição: "Viva os nossos eroicos aviadores Gago Coutinho e Secadur Cabral,.". Sorrimos e indicámos-lho.



O velho astrolábio das caravelas, engenhosamente reconstruído por Gago Coutinho



A casa é como um navio. O almirante no alto da escada de «portaló»



O Tejo da navegação e da conquista. A janela é como um cesto de gávea

— Ofereceram-mo em 1922, quando regresssei do Brasil. Já nem me lembra quem, e tenho pena. Mas não importa. Basta que êle simbolise a homenagem que o povo humilde de Portugal então me prestou.

Subimos ao sótão. Para poupar espaço, o almirante Gago Coutinho mandou construir escadas quasi verticais, com corrimãos flexíveis e degraus sem resguardos. Dir-se-iam as escadas de escotilha de um veleiro. Afinal, a casa do sábio almirante é como que um iate de um investigador. As salas pequeninas lembram beliches. E há fotografias, muitas fotografias do mar. Mar e ceu. Ondas babando-se de espuma e nuvens projectadas no azul infinito.

Gago Coutinho parece ter vinte anos. Sempre na nossa frente, trepa com ina-

creditável agilidade pelas escadas incómodas. No sótão, há mais livros, um nunca mais acabar de livros. Literatura, ciência, arte, história.

— Tudo isto é património nacional. Como não tenho descendentes, é tudo para o Estado. E olhe que tenho algumas raridades bibliográficas. Esta, por exemplo: "Delle navigationi e viaggi", de Ramuzio, editada em 1554.

Fomos ainda ao mirante. E' o cesto de gávea do iate maravilhoso. O Tejo corre, lá ao fundo, preguiçosamente.

— Vê esta casa aqui em frente? é o meu pesadêlo. Se fôsse rico, comprava-a para mandar demolir-la. Imagine que não me deixa vêr o Tejo, das janelas do meu gabinete Descemos. Tínhamos ficado na dez e meia e atrevi-me a lembrar-lho.

— Tem razão, já me esquecia. Depois do almoço vou dar o meu passeio. Tomar ar e beber o meu café. A's cinco volto para aqui e sento-me naquela cadeira — é uma longa cadeira de repouso quasi horizontal — e leio ou escrevo até às oito. Saio pela última vez e todos os dias procuro novas casas em busca de bom chá e boas torradas. Gosto imenso de chá e torradas. Depois, vou ao cinema ou ao teatro.

Descobrimos um retrato de Beatriz Costa. Tem uma dedicatória com a data de um ano depois da sua estreia como estrêla no teatro ligeiro. Ao lado, madame Pompadour. E Gago Coutinho chama a nossa atenção para a semelhança de atitudes.

Tinham decorrido quasi duas horas. Já no corredor, o "grande", almirante deteve-nos. Aos nossos olhos surgiram, como por encanto, dependuradas do teto, duas argolas de ginástica.

— Têm quasi sessenta anos. Construí-as, eu mesmo, quando era meúdo, com o cabo de uma vassoura. Desde então, todos os dias as utilizo.

E, como nos percebesse um olhar de dúvida, saltou lesto para elas, elevou-se até aos ombros e depois até as mãos tocarem nos quadris e repetiu três vezes a proeza, sem uma ruga de cansaço.

Depois de semelhante demonstração, emudecemos. E o almirante, com um sorriso, anunciou-nos à despedida, mais uma viagem ao Brasil, no fim dêste mês.

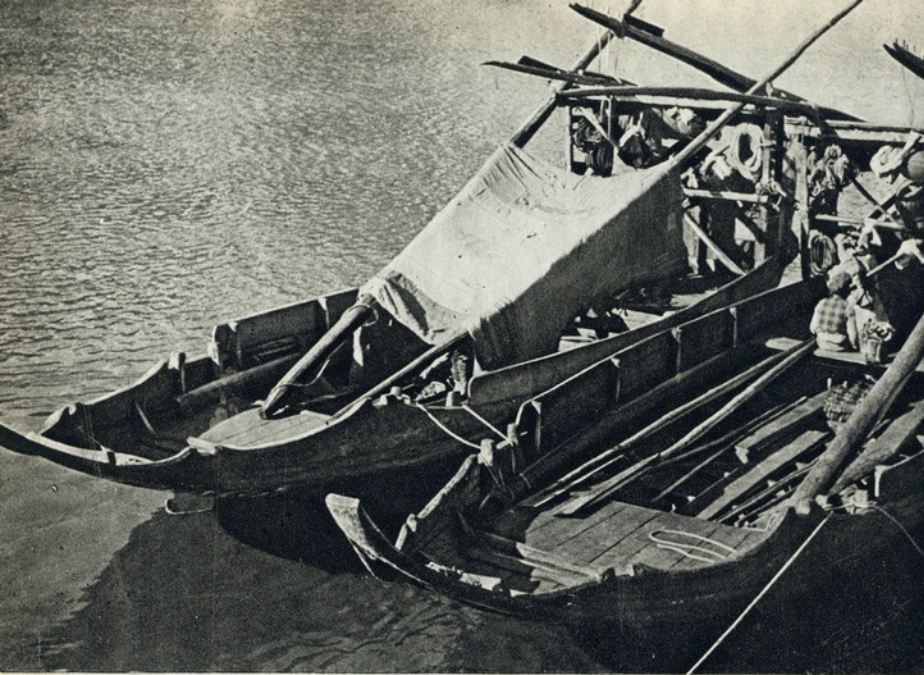
— Preciso viajar constantemente. De cada viagem trago uma recordação. Até tenho um bocado da torre Eiffel. Tirei-o do segundo pavimento, numa das minhas visitas a Paris. Não diga isto na sua revista... apesar da torre não ter caído por causa do bocado que lhe tirei.

Prometemos guardar segredo...

R. J.



UMA INTERESSANTE RECONSTITUIÇÃO DO ATAQUE DA ROYAL AIR FORCE Á BASE NAVAL ITALIANA DE TARENTO. OS AVIÕES TORPEDEIROS ATINGEM GRAVEMENTE UM GRANDE COURAÇADO E AVARIAM OUTROS DOIS, APESAR DO INTENSO FOGO ANTI-AÉREO



È nestes barcos rabelos que o vinho do Pôrto desce o Douro, o lagar azul dos grandes nectares perfumados



Vinha vindimada. Os cabazes vão cheios de cachos de ouro

O PAÍS DO VINHO

pele Dr. Sousa Costa

Assim mesmo. O Porto ri-beirinho, o Porto debruçado do rio Douro, o Porto que se alcançava do lado oposto do rio, nas colinas de Gaia, constitue a grande adega regional dos ingleses. Recebe nos seus armazéns os vinhos do Alto Douro. Nos seus armazéns os baptiza de *Port-Wine*. E dos seus armazéns os embarca consignados à Gran-Bretanha.

E' curioso o que se observa no Alto Douro sob a incidência deste insigne factor.

Dupla cordilheira de cerros e pendores, correndo ao longo do rio Douro, desdobrando-se em magnificentes anfiteatros e affitivos abismos, a região duriense ocupa em Trás-os-Montes e Beiras o espaço compreendido entre a Régua e Barca d'Alva — uns cem quilómetros de cabeços e quebradas. Quebradas de xisto rijo, vistas de baixo para cima lembram cintura de muralhas de guarda ao tesouro dos nectares licorosos — pois aquilo, quebradas e vinhas, uma das obras superlativas da Natureza e do Homem, corresponde de facto à vasta mina de ouro líquido. As vinhas trepam às cumieiras, em socalcos verdejantes, em tableiros sobrepostos, que o braço do cava-dor, a ferro e fogo, heróicamente rasgou no seio da



Ametistas, rubis, safiras em bagos ovalados, que, já tocados de outono, se inclinam para a terra

rocha, afeiçoando-o a leite de cepas generosas e altares ao Sol e à Fortuna.

E desde a cruzada hercúlea das surribas, dinamite e picareta na conquista da nova Canaan ao reino mineral; e desde a peregrinação dionisiaca das vindimas, vindimadores e vindimadeiras a colherem e a cantarem, ao geito das abelhas que zumbem e arrecadam o mel já preparado nos favos das videiras: e desde a natividade pagã das lagaradas, o bombo e os ferrinhos na regência dos hinos báquicos, todos os actos do plantio, tôdas as

cerimónias da vinificação do Alto Douro obedecem a esse preceito ritual: — obter o máximo em qualidade, a-fim-de agradar, mais do que a Deus, ao estrangeiro.

Assim, os vinhos de nobreza puro sangue transportados ao Porto no bôjo dos barcos «rabelos», barcos processionais que descem o rio guião no mastro, ajoujados de pipas, são os que se destinam ao consumo da Inglaterra. E assim, a Inglaterra tem no Porto, nos armazens do Porto e Gaia, a melhor adega regional do seu usufruto — fornecedora, na sequência das gerações, das caves de reis e lords, principes e nababos, velhos amigos dos nectares da região duriense.

O PALÁCIO DE BUCKINGHAM

Visto por Norman Hillson

EM tôdas as partes do mundo as pessoas bem intencionadas ouviram ainda há pouco, com verdadeira emoção, a voz clara e precisa do Rei da Inglaterra que felicitava os seus súbditos pela sua coragem sob os bombardeamentos aéreos.

«Falo-vos do Palácio de Buckingham com as suas honrosas cicatrizes». Estas palavras simples e significativas fizeram vibrar milhões de auditores, pois que ecoavam nas paredes do palácio, que recentemente sofrera um grave ataque aéreo como o teem sofrido milhares de humildes casas em todo o país. Faziam lembrar que uma das bombas atingira o «boudoir» da Rainha, que outra abatera uma parede e uma balastrada, ferindo duas pessoas, no subterrâneo, e que outra ainda derrubara as grades comemorativas do célebre pátio de entrada.

O Palácio de Buckingham é o «home», o domicílio particular dos reis. É um grande edifício de aspecto um tanto banal em comparação com outras residências realengas tanto em Inglaterra como no estrangeiro. Ocupa no coração do povo britânico um lugar especial desde que a Rainha Vitória decidiu ali viver abandonando os remotos suburbios de Kensington.

O Palácio de Buckingham está situado à beira dum parque em miniatura na extremidade dum larga avenida conhecida pelo nome de «Mall». Ocupa um terreno que o económico Jaime II mandou plantar de amoreiras na esperança de servir de incentivo à sericultura. A tentativa falhou e, durante muito tempo, aquela área tornou-se o ponto de reunião favorito da população londrina. Mais tarde o terreno foi alugado a John Sheffield,

O rei marinheiro Guilherme IV considerava este palácio demasiadamente grande e pretencioso para ele e como era uma pessoa que gostava mais de estar a bordo, junto dos seus oficiais, poucas vezes lá ia. E, assim, o nobre edifício mais uma vez ficou abandonado até que a Rainha Vitória subiu ao trono. Ela que vivera até então num lúgubre palácio de tijolo, no fundo dos jardins de Kensington, longe do centro da metrópole, ao subir ao trono manifestou o desejo de habitar no Palácio Buckingham. Numa linda tarde, com toda a sua comitiva, debaixo de entusiásticas aclamações, foi para Buckingham, e nessa mesma noite ofereceu um banquete oficial. Foi a primeira das inúmeras recepções que ali se têm realizado. A Rainha Vitória considerava o palácio de Buckingham como o seu domicílio particular. O príncipe Alberto e ela decoraram sumptuosamente as quadras, notando-se ainda, em muitos locais, o pesado gosto da época.

As recepções oficiais realizavam-se no Palácio de St. James, do outro lado do parque. Contudo, nestes últimos anos essa tradição foi alterada. O Palácio de St. James não serve, actualmente, senão para as «levées» reais, embora em princípio os embaixadores sejam sempre acreditados à corte de St. James. O Palácio de Buckingham serve agora, ao mesmo tempo, de residência do pessoal de corte e domicílio do monarca. Por essa razão, divide-se em duas partes distintas. Os aposentos particulares são relativamente pequenos e estão completamente isolados dos vastos salões e aposentos de gala.



A residência dos Reis de Inglaterra, vendo-se, à direita, o monumento da Rainha Vitória

duque de Buckingham, que mandou construir ali uma casa que foi como que o embrião do actual Palácio. Foi ampliado consideravelmente pelos seus sucessivos proprietários, especialmente no reinado da Rainha Ana. Só, porém, com os reis da dinastia de Hanovre o palácio assumiu um carácter real. Jorge I viveu ali, mas ocasionalmente. Jorge III, porém, que tinha uma numerosa família, fez dele a sua principal residência, só o abandonando depois da sua doença.

Jorge IV, por seu turno, converteu-o numa moradia digna do seu «sobriquet» de «primeiro gentleman da Europa», encarregando o arquitecto Nash de desenhar os planos para um segundo Versalhes. Tudo teria corrido sem novidade se o Parlamento tivesse concordado em conceder os créditos necessários para a construção, mas o rei, que era um fantasista, teve a idéa de mandar construir, em Brighton, um pavilhão imitando um pagode chinês. Como consequência, fez-se um palácio mais modesto, que foi criticado duramente e até designado com o nome dum bairro pobre que, então, existia ali perto.

No começo da guerra quasi tôdas as obras de arte foram retiradas para lugar seguro. A maior parte do Palácio foi fechada e o seu mobiliário envolto em coberturas de linho para o resguardo do pó. A única parte importante que se mantém aberta é a «suite» de salas cujas janélas dão para o jardim. Chamam-lhe a «suite» belga ficando perto do sítio onde as bombas caíram. Na altura em que os alemães invadiram a Holanda, a rainha Guilhermina foi para Londres tendo sido hospedada na «suite» belga, reunindo ali durante algum tempo a sua corte.

Para bem compreender a vida quotidiana do palácio é importante observar o que se passa naquela ala. A rainha Vitória reservava-a, especialmente, para o seu dedicado amigo Leopoldo, o rei dos belgas, que tanto a auxiliou no principio do reinado. As suas visitas eram tão frequentes, que ele tinha aposentos quasi permanentes. Eis porque aquela parte do palácio é denominada «suite» belga. Estes aposentos são independentes e têm uma entrada particular. Servem actualmente para receber hóspedes.

pedes ilustres estrangeiros e são os únicos que presentemente, se encontram prontos a ser ocupados.

Os actuais soberanos vivem em Buckingham da maneira mais modesta. Os seus aposentos particulares impõem-se pela simplicidade. Os quartos não são grandes. Jorge VI assim o ordenou no intuito simpático de criar uma atmosfera íntima, familiar. Esta preocupação doméstica é das principais virtudes do rei que, já várias vezes, tem publicamente declarado que ama entranhadamente a vida do lar.

Os aposentos ocupados pelos reis e pelo seu pessoal de serviço estão situados na parte do palácio que delta para o Green Park. Jorge VI dispõe dum quarto especial para o seu guarda roupa. A etiqueta exige que tenha perto de trezentos fatos e uniformes, que necessitam de grandes cuidados, isto sem enumerar as capas e insígnias das Ordens nacionais e estrangeiras de cavalaria de que é dignatário.

Todo este guarda roupa arrecadado em vastos armários, está confiado aos cuidados do chefe dos criados que ocupa uma dependência nessa ala. Esse chefe tem sob as suas ordens os segundos criados e lacaios, e têm o encargo de chamar os alfaiates do monarca quando assim o entender.

O rei caracteriza-se pelos seus gostos modestos. Não se entrega a quaisquer aparatos extravagantes.

Cada um dos soberanos tem o seu salão particular e o rei um escritório especial, onde trabalha com os seus secretários. Essa dependência é extremamente prática e simples. Apresenta uma curiosa particularidade: as portas adaptam-se de tal forma às paredes que se tornam invisíveis quando estão fechadas. Este sistema foi também aplicado à maioria dos aposentos de gala, o que permite à família real entrar e sair discretamente.

Os aposentos das princezinhas estão próximos, bem como os quartos que lhe serviram de *nursery*. Desde que começou a guerra nunca mais foram habitados. A rainha Isabel tem como a Rainha Mãe um bom gosto inextinguível na escolha do mobiliário. Quando se instalou no palácio dedicou-se com minucioso cuidado à decoração dos seus aposentos particulares. Levou para ali numerosas obras de arte que colecionou quando solteira. Desde então, tem aumentado a sua colecção de quadros com a aquisição de obras de pintores contemporâneos: Augustus John (o eminente artista a quem a rainha consentiu que lhe pintasse o retrato) Richard Sickert, Wilson Steer, Paul Nash e outros.

No palácio, as refeições são servidas na casa de jantar do

primeiro andar onde se vê uma mesa redonda, que se pode ampliar por meio de táboas conforme o número de convivas. Como o Rei decidiu que não haveria mais banquetes enquanto durasse a guerra, é nessa sala de jantar que lhe dá agora as suas recepções oficiais.

Se passarmos aos aposentos de gala, o seu esplendor contrasta vivamente com a fachada do Palácio. O rei Eduardo VII costumava dizer a rir que a parte mais bela do edifício eram as trazeiras. Sobe-se por uma escadaria monumental cujas paredes estão em tempo normal cobertas de tapeçarias e quadros magníficos. Não devemos esquecer que a colecção real de pinturas é talvez a mais bela colecção particular que existe no mundo. Foi principiada na época dos Tudor, por Henrique VIII e muito aumentada por Carlos I.

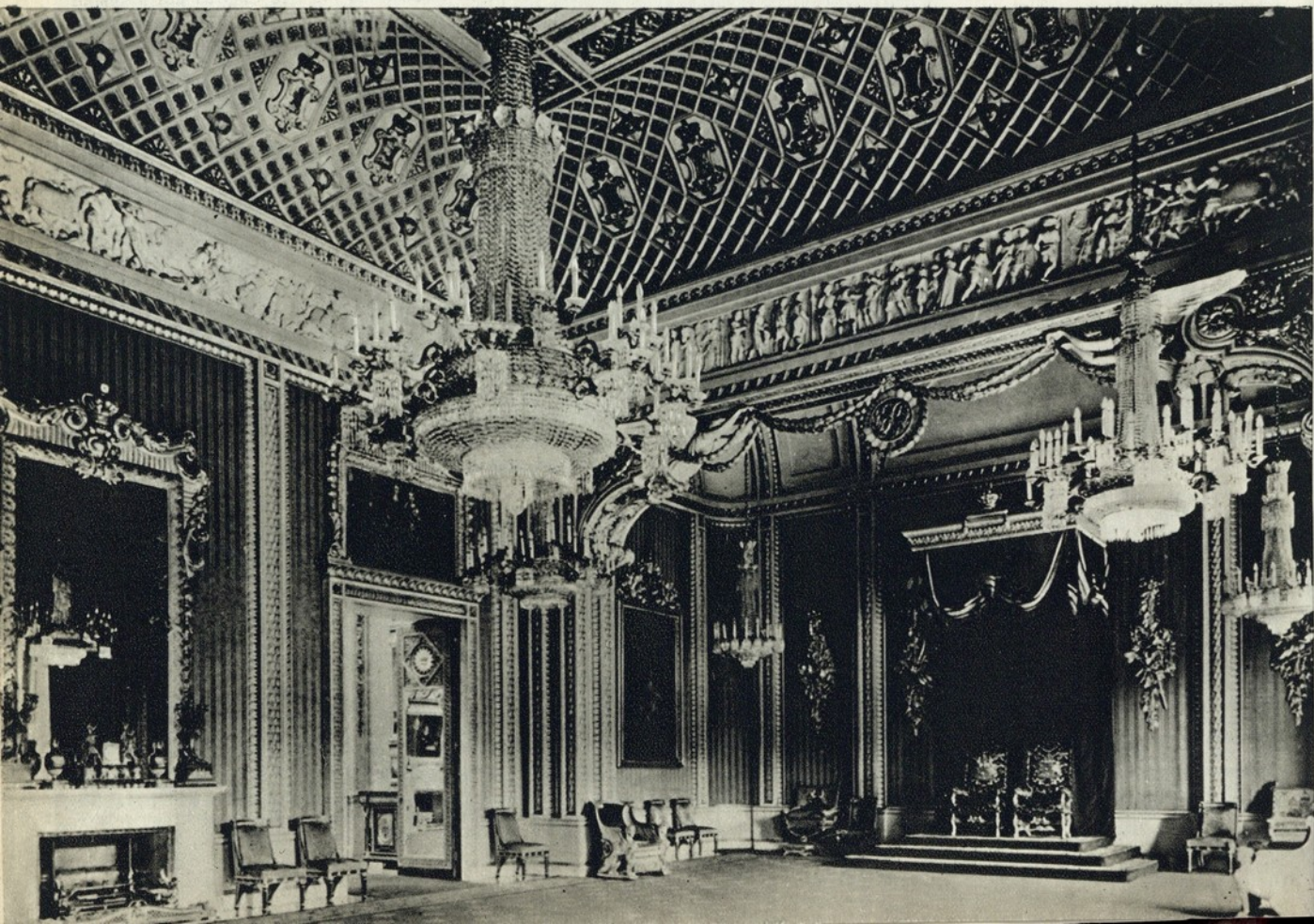
O rei Jorge IV apreciava com inteligência as artes e não se poupava a despesas para comprar quadros célebres, que as famílias principescas vendiam a baixo preço depois das ruinosas guerras napoleónicas. Em seguida, veio o príncipe consorte que amava especialmente as diversas escolas italianas. Podemos recordar que foi Jorge III que começou a formar no Palácio de Buckingham a célebre Biblioteca do Rei, que foi a origem do do British Museum.

As salas de gala são como vastas galerias de quadros pertencentes a quasi todas as escolas. A longa galeria com as suas filas de pinturas da escola holandesa, estátuas e bustos de mármore, é o sonho dos coleccionadores. E' ali que se costumam reunir as senhoras que, pela primeira vez, vão ser apresentadas na Corte.

A sala de banquetes é um salão enorme que dá para os jardins. Nas grandes ocasiões usa-se a baixela de ouro e um magnífico serviço de Sèvres. Nas paredes vêem-se retratos gigantes dos reis e dos príncipes, envergando, a maior, o hábito dos Cavaleiros da Ordem da Jarreteira. Seguem-se as quadras designadas segundo a cor das tapeçarias ou dos seus estofos. No mesmo pavimento fica a Sala do Trono, onde têm lugar as investiduras, e, por fim, o grande salão de baile, que serve para recepções e cerimónias especiais.

Também não nos devemos esquecer da estreita e alta capela particular onde o rei e a rainha seguem o ofício religioso de domingo. Recentemente, foi atingida por uma bomba, mas a tapeçaria sagrada não foi tocada. O rei deu imediatamente ordem para que, caso a capela fôsse inutilizada, se fizesse outra provisoriamente no fundo do palácio.

A sumptuosa sala do trono. Ao fundo, as cadeiras onde se sentam os soberanos ingleses



Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde o dr. Joaquim Manso

Fala hoje o dr. Joaquim Manso, ilustre director do «Diário de Lisboa». O mestre do pensamento, creador de novas maneiras de pensar e de sentir, a quem se deve a experiência duma escola de jornalismo moderno, que alcançou já a sua vitória, honramos com a sua colaboração preciosa. Nome eminente, nas letras portuguesas, o dr. Joaquim Manso é um apaixonado desta velha Lisboa que ele, por vezes, metamorfozeado no simpático espirito de João Vendinco, calcuaria em deliciosas crónicas, aqui fixando uma figura, além esboçando um romance, mais longe pinelando uma curiosa aguarela de costumes, que veem depois a lume nas páginas do seu grande jornal:

Lisboa pode ser vista de diferentes pontos—do Chiado, do Terreiro do Paço, do Rossio, da Rotunda, de S. Bento, do Castelo, do Alto de Santa Catarina, do zimbório da Estrêla e da Outra Banda. Há as altitudes das quais se descobrem telhados, igrejas, torres, palácios e casario empilhado, a subir colinas em que uma e outra palmeira ou araucaria luta para criar uma paisagem coerente.

Mas também existem sítios baixos mui próprios para se sondarem, não perspectivas largas, efeitos magníficos de luz e côr, esboços incompletos de quintais e jardins, mas turbas lisboetas que, parecendo que não, postulam e constituem a razão de ser da cidade.

Como observador desenfatiado, prefiro o Rossio a qualquer outro miradouro. Em S. Bento, por exemplo, está a Assembleia Nacional donde se desvenda melhor o país que o mar, da Torre de Belém.

No Terreiro do Paço, a burocracia põe a trabalhar a máquina do Estado e inclina-se sobre o papel timbrado para confessar o seu amor às naus que fôram à Índia e voltaram com o seu carregamento de canela.

No Rossio, porém, Lisboa é o termómetro da sua própria febre. Os seus cafés, as suas lojas, as suas casas de chá e as suas leitarias, as suas farmácias e retrozarias são centros nervosos, pontos de partida e chegada de boatos que se fabricam na ponta dos dedos e se espalham nas asas dos ventos. Todos nós lá cabemos, com a medida do nosso corpo ou com a impersonalidade da nossa má língua.

No tempo das revoluções, perguntaram a um homem que não tinha modo de vida aceitável, mas dava a impressão de viver desafogadamente:

— Em que te empregas, oh Fulano?

— Trabalho no Rossio.

— Mas que demónio fazes tu por lá?

— Falo com tôda a gente e aprendo a conhecer os homens.

Evidentemente não se tratava dum psicólogo. Nem tão pouco dum crítico de costumes.

Quem era então?

Um vagabundo que se situava algures, a fim de ter um domicílio na Terra de Ninguém.



Há caras que permanentemente se encontram no Rossio como adrabas em certas portas. Formam o índice dum livro proibido.

D. Pedro IV, no topo do seu pedestal, olha para as gentes que deslizam nos passeios, encolhe os ombros e murmura:

— A trinta metros de altura, sou um rei sem trono, mas quasi... imortal!

O teatro Nacional D. Maria II, com o seu frontão apoiado em colunas jónicas, severas, monologa solitário:

— «Inglório destino o dos monumentos que, como eu, decoram uma praça onde os acontecimentos são tão rápidos como as imagens que aparecem e desaparecem nos espelhos concavos».

Que espectáculo nos oferece o Rossio?

O da mobilidade cidadina, da aventura contínua dos itinerários que se cruzam num labirinto de desejos, de olhares fugazes, de esperanças incertas, de dúvidas que se formam, de embrulhos que se perdem e de vitórias que se ganham e desvanecem num segundo.

Lisboa vem ao Rossio, rumoroso, vaidoso e veicular, para banhar-se na actualidade, para ouvir anedotas, para mordiscar reputações esquivas e para esperar o Messias.

De vez em quando, uma criança chora, com saudades da família.

— Que tens tu, menino?...

Um reumatizante pergunta:

— Onde é que tu moras?

— Quem cuida de ti?...

Como não obtem resposta, comenta:

— Veio aqui ter e esqueceu-se de fixar o nome dos pais...

Como estes casos são frequentes, pedimos providências a quem competir, mesmo para evitar que o Rossio absorva a Cidade.





AS FÔRÇAS AÉREAS BRITÂNICAS

pelo cap. aviador EDGAR CARDOSO

QUANDO, em Setembro de 1939, a Inglaterra entrou no actual conflito, tanto o seu potencial aéreo, referente a aviões de 1.ª linha, como a sua capacidade de produção e reservas de material, não podiam competir, em pé de igualdade, com o seu adversário, a Alemanha, que de há muito vinha preparando, melhorando e aumentando a sua aviação.

Embora de 1935 para cá, em que existiam apenas 580 aviões de primeira linha e 31.000 pilotos em serviço activo, acrescidos de 14.750 de reserva, tenham progredido notavelmente em número e qualidade as forças aéreas britânicas, na proporção de 1/10, o seu grande incremento verificou-se, já durante a presente guerra, a tal ponto que Willke, na sua recente visita a Inglaterra, afirmou: um país com esta produção industrial, não pode ser vencido.

De facto, este progresso tem sido prodigioso. A qualidade dos seus aparelhos, o entusiasmo e a adaptabilidade dos seus pilotos e outro pessoal, navegante e de reparação, as possibilidades da sua indústria aeronáutica, trabalhando em ritmo acelerado, acrescido do auxílio dos seus Domínios, leva-nos a crer que dentro em breve a Aviação Militar Britânica, será uma das forças mais poderosas do Mundo.

E' mesmo uma das grandes vantagens da Inglaterra sobre a sua rival teutónica, o possuir fábricas de aviões fora do seu território metropolitano. O Canadá, essencialmente, a Austrália, a Nova Zelândia e a África do Sul além das possibilidades de envio de material, consti-

tuem forte manancial na factura de pilotos. E, se os aviões se fazem aos milhares, os pilotos não se improvisam com facilidade.

Se aduzirmos a tudo isto o eficiente auxílio que lhe vem prestando os Estados Unidos da América, fácil e lógico é chegar à conclusão que atrás enunciamos, de dentro em muito pouco tempo a igualdade numérica se verificar, e que a Inglaterra pode mesmo ter a supremacia aérea.

Quanto à excelência do seu material, mórmente no capítulo «caça», ninguém desconhece os feitos e as proezas dos célebres Spifire e Hurricanes, a maneabilidade dos Gladiator, ou a eficiência do Bolton Paul, a que há a juntar um novo tipo, o Hawker Tornado, considerado já o mais veloz e de maior raio de acção de todos os «caças» britânicos. (1)

No capítulo de aviões, está, pois, a Gran-Bretanha bem apetrechada, com aparelhos do melhor quilate.

Quanto ao valor do seu pessoal, êle está bem patente nos imensos actos de bravura dos seus caçadores e nas proezas dos seus bombardeiros, de que vamos tendo conhecimento diário pelos jornais e telegramas das agências, em combates, muitas vezes numéricamente desiguais, que atestam bem o estoicismo, a valentia que fazem dos seus pilotos uma autêntica classe de élite.

Quer nas duas frentes da Europa, quer em África, como nas lutas aéreo-navais, se tem feito sentir o poder das Forças aéreas inglesas, e o seu esplêndido moral.

Mas, a Gran-Bretanha não pensa apenas na preparação de pilotos, mecânicos, radio-telegrafistas, etc. Vai mais longe.

Aguardando a sua altura de ingressos na R. A. F., a juventude inglesa, inebriada pelos sucessos daquela, vai-se familiarizando com as coisas do ar no Corpo de Cadetes da Defesa Aérea.

Neste organismo, os rapazes dos 14 aos 18 anos aprendem os elementos de voo e de construção de aviominiauras, estudando aerodinâmica, motores, etc.

Êste plano, de recente criação, mas já em execução, engloba 20.000 cadetes, subordinados a diferentes centros de instrução.

Mais tarde transitarão para a Força Aérea Auxiliar, Reserva Voluntária da R. A. F., ou ainda para Forças Aéreas Regulares. Como se verifica, o problema fundamental e basilar da preparação da sua Juventude, não foi olvidado.

Criado o espirito por uma iniciação e aprendizagem gradual e eficiente, estes jovens constituirão a Mocidade do futuro que, ao serviço da Causa do Ar, lutará com todo o denodo pelo triunfo da sua Causa, com o mesmo entusiasmo, ou procurando mesmo excedê-lo, com que os seus irmãos de hoje o têm feito até agora para honra e glória da R. A. F.

(1) Êste avião dispõe de 8 metralhadoras e 3 canhões de 20 mm. que podem ser substituídos por outras metralhadoras, o que lhes permite, em última análise, empregar de 14 a 16 bocas de fogo.



D. Joana de Áustria, princesa de Portugal, de António Moro



D. Carlota Joaquina, de Mariano Salvador Moro



D. Catarina de Áustria, rainha de Portugal, de António Moro

RAINHAS PORTUGUESAS

pelos **Dr. Reinaldo dos Santos**

ENTRE as obras de Arte que a Espanha enviou a Portugal, publica esta revista algumas gravuras para que me pede um comentário.

O retrato de D. Catarina de Áustria, Rainha de Portugal, mulher de D. João III, é uma obra de António Moro, está no Prado e é certamente o protótipo dos múltiplos retratos desta Rainha que se encontram, uns em Portugal, como o do Museu de S. Roque, da igreja da Madre de Deus, do Museu de Arte antiga, etc., outro, pelo menos, em Inglaterra ("Bowes Museum").

O retrato de Moro, um pouco duro no desenho, é todavia de um belo esmalte e uma das obras mais representativas da sua arte.

Moro pintára, na mesma ocasião, o retrato de D. João III que até há pouco se julgava perdido, mas uma fotografia enviada de Londres a José de Figueiredo, nos últimos tempos da sua vida, deixava entrever que o retrato de D. João III existia.

Quando fui a Londres procurá-lo, tinha já sido vendido a um ilustre amigo nosso e grande coleccionador espanhol que o tem como obra autêntica, datada e assinada por Moro. Só um exame directo da obra, então em França, hoje talvez já em Espanha, permitirá uma identificação mais segura da sua originalidade como protótipo.

Mas a obra mais bela de Moro enviada ao Pavilhão da Arte Espanhola era o retrato de D. Joana de Áustria, Princesa de Portugal e mãe de El-Rei D. Sebastião. O Museu Real de Bruxelas possui um delicado retrato desta Princesa, fundadora do convento das "Descalzas Reales," onde se encontrava o encantador retrato de D. Sebastião que, pela primeira vez nesta exposição, foi revelado aos olhos dos portugueses. O retrato de Bruxelas, em que ela figura com a mão apoiada sobre a cabeça de um pretinho, foi atribuído a Sanches Coelho, mas a admirável tela de António Moro, aqui reproduzida, é uma das obras mais belas do grande pintor neerlandês. Bela pela "mise en page," cheia de dignidade, pela mestria com que está modelada a cabeça, gosto e carácter da indumentária, profundidade dos negros, tonalidade maravilhosa do conjunto. É uma das obras de Moro que mais anunciam Velasquez, não pela técnica mas pela composição e sentimento do retrato.

Um pequeno retrato identificado por D. Elias Tormo como sendo a Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, é ainda atribuído pelo ilustre erudito e historiador de Arte ao pintor Cristóvão de Morais. Vem também das "Descalzas Reales" e tem mais valor iconográfico que artístico.

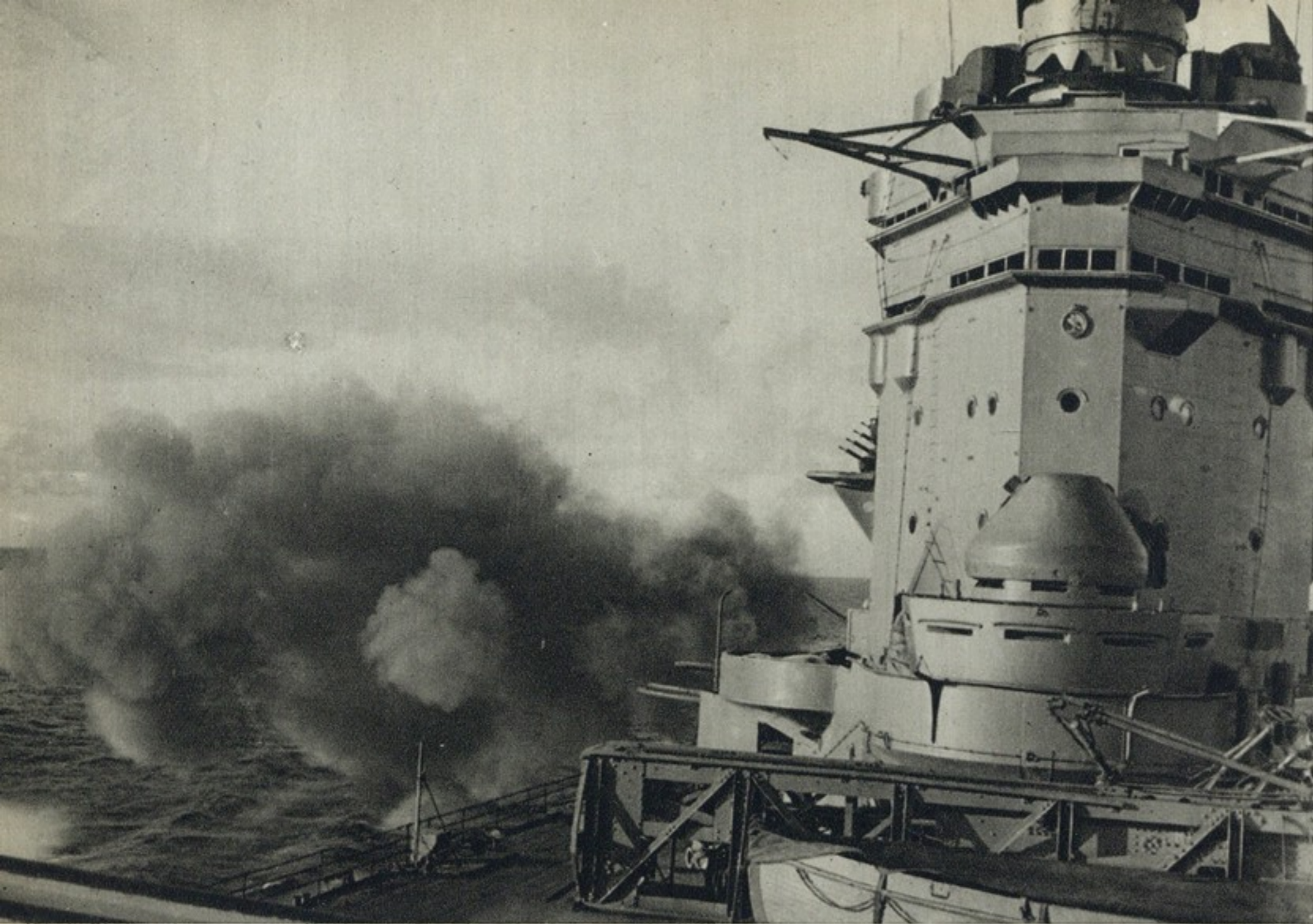
Os retratos da Imperatriz Isabel de Portugal são numerosíssimos, desde o desenho da colecção de Arras até o célebre retrato de Ticiano, uma das glórias do Museu de Madrid e uma das expressões mais encantadoras da beleza da mulher portuguesa. Pena foi que o Prado nos não tivesse enviado essa maravilha da arte veneziana que tão especial interesse tinha para Portugal! Mandou-nos, porém o admirável bronze dos Leoni, obra-prima dos dois escultores italianos, datada de 1564. Obra tão bela, ou mais bela ainda que a escultura de seu marido, o Imperador Carlos V. Ambas no Prado, constituem a expressão mais alta da arte dos dois grandes cinzeladores.

Este retrato, porém, de D. Isabel de Portugal, aqui reproduzido, é uma das muitas variantes do retrato de Ticiano como as de Florença, Paris, Munique, e chegou a ser gravado por P. de Jode.

Emfim, o encantador retrato de D. Carlota Joaquina, pelo pintor Valenciano Maella, é um dos retratos menos feios da Rainha, cuja cabeça se envolve já numa aureóla goyesca. É certamente a obra mais delicada que esta Rainha, com mais carácter do que beleza, inspirou.



D. Maria, Infanta de Portugal, de Cristóvão de Morais



No Mar do Norte. Um grande couraçado inglês avistou ao longe um submarino inimigo e as suas peças de 330 do blockaus da popa fazem fogo

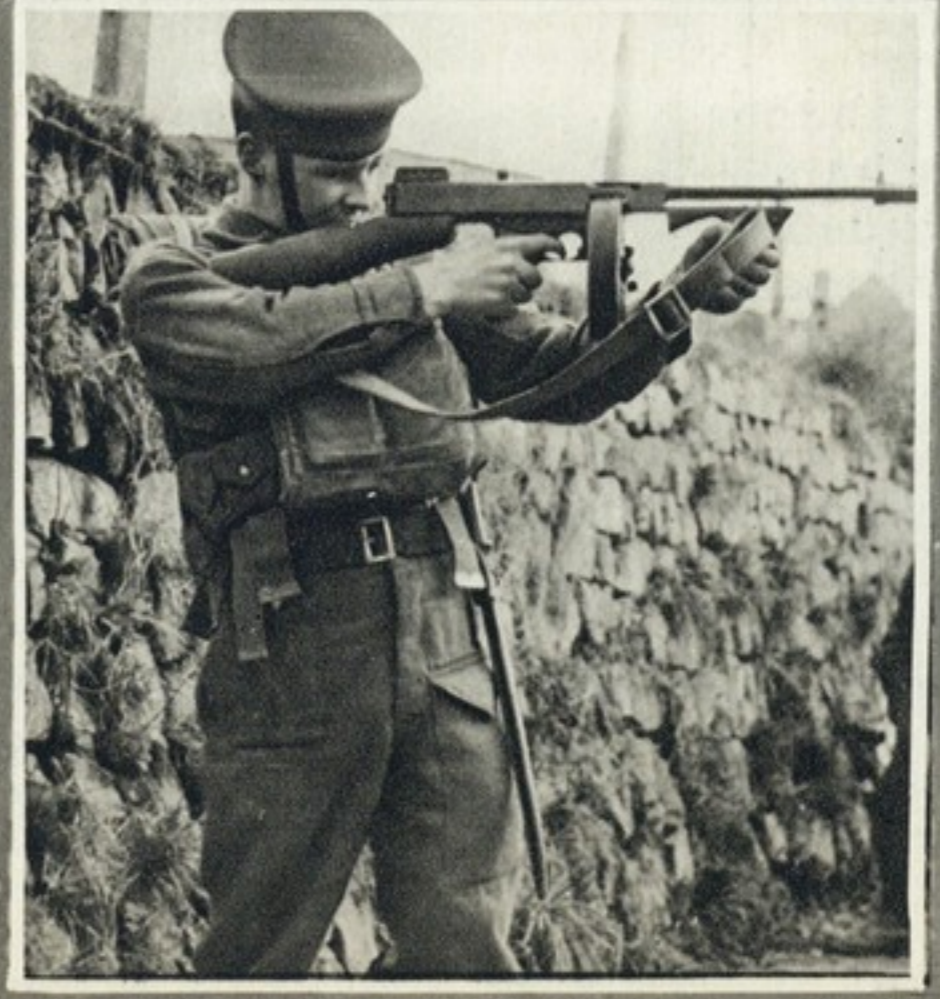
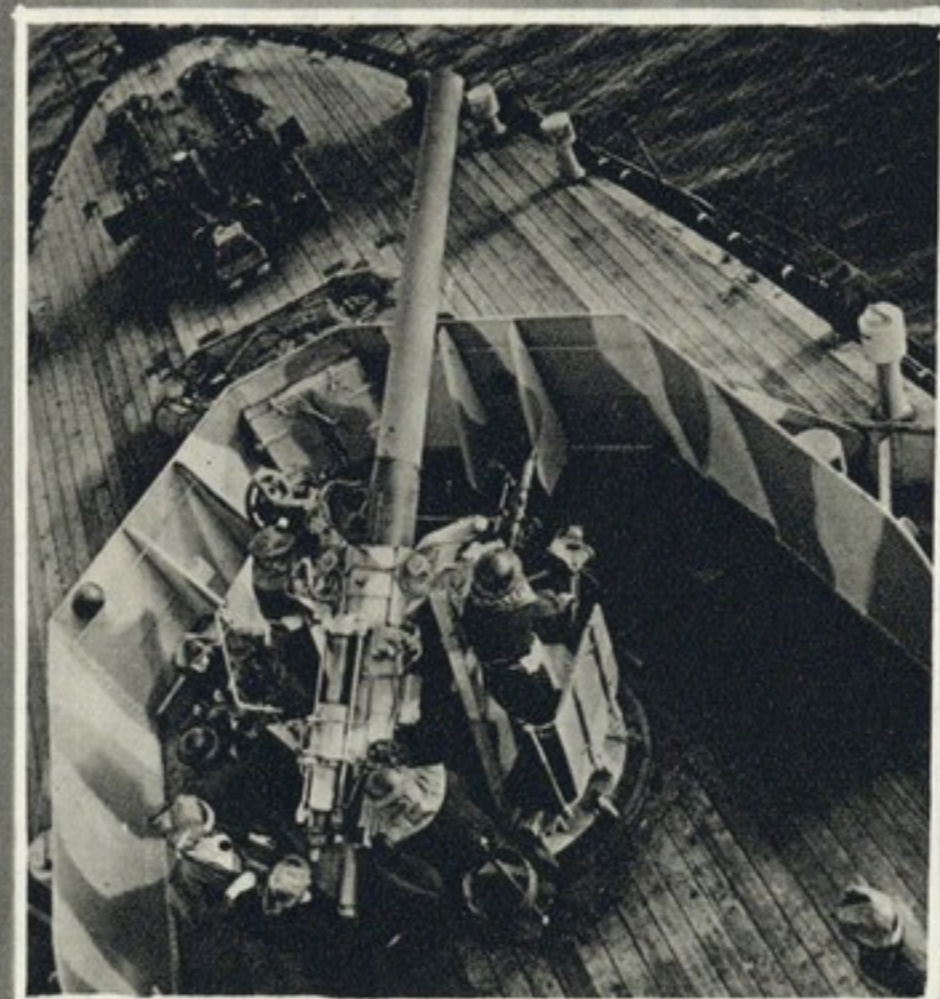


Na Escócia, o Exército polaco defende a Gran-Bretanha. Um curioso aspecto das fortificações com os seus paralelepípedos de cimento



A Inglaterra é hoje uma muralha de aço, de ferro e de betan. Tôda a sua costa está vigiada e defendida. Um aspecto da defesa

A INGLATERRA É UMA FORTALEZA!





UMA MARAVILHA DA CONSTRUÇÃO NAVAL BRITANICA

A SÉRIE "KING GEORGE V"

por Maurício de Oliveira

OS ingleses apresentaram recentemente o primeiro couraçado da nova série de unidades de 35.000 toneladas, que ficará conhecida pela *Série King George V*.

Esta série compreende cinco barcos admiráveis cuja concepção e construção podem merecer o título de maravilhas da engenharia e da construção naval britânicas.

Esta série de unidades de 35.000 toneladas compreende os navios «King George V», «Prince of Wales» (ambos já em serviço) «Duke of York», «Jellicoe» e «Beatty» (em acabamento urgente).

Os números nem sempre enfastiam e, neste caso, tornam-se indispensáveis para que o leitor possa fazer uma idéia, mesmo superficial, do que é um dos novos couraçados da Armada Real.

O «King George V», por exemplo, mede nada menos de 225 metros de comprimento e tem, de largura máxima, cerca de 32 metros, ou seja o comprimento de uma pequena canhoneira. Com uma tripulação 1.500 homens, acrescida ainda de 300, em tempo de guerra, essa extraordinária fortaleza flutuante dispõe de um armamento principal gigantesco: 10 canhões de 356 mm.

Para tiro anti-aéreo, a sua artilharia compreende, entre canhões médios de 132^{mm} e metralhadoras vulgares, a bonita soma de 88 bocas de fogo, cuja acção pode formar, sobre o navio, um perigoso *plafond* de projecteis dos mais diversos calibres, com uma acção destruidora que se torna desnecessário pôr em destaque.

Um projectil dos canhões de 356^{mm} do «King George V» tem o peso de 707 quilos e pode ser arremessado, com a maior eficiência e perfeita precisão de tiro, a cerca de 40 quilómetros de distância.

Não se conhecem números sobre a espessura da protecção do navio mas sabe-se, todavia, que a sua couraça tem o peso total de 14.000 toneladas, ou seja o deslocamento de um bom paquete.

O «King George V» que custou oito milhões de libras (cerca de 850 mil contos) dispõe de duas patrulhas de aviões, num total de quatro aparelhos, os quais são catapultáveis.

Com uma velocidade máxima de 30 milhas e um raio de acção ainda desconhecido, os couraçados da série «King George V» — navios à prova de torpedo marítimo ou aéreo — representam de facto uma inovação nas frotas de batalha mundiais.

Além destes cinco navios, dois outros, maiores ainda — o «Lion» e o «Temeraire», de 40.000 toneladas com artilharia principal de 406^{mm} e 238 metros de comprimento — estão prestes a deixar as carreiras de construção para entrarem em serviço talvez ainda em fins deste ano.

O esforço naval britânico que é, neste momento, pela sua extensão e intensidade, o maior de toda a história da Inglaterra, tem nestes sete maravilhosos navios, a mais forte das suas expressões e o mais sólido dos seus pilares.

E O ESTÁDIO FEZ-SE...

A promessa que o sr. Presidente do Conselho fez, um dia, aos desportistas portugueses tornou-se numa das expressivas realizações da política construtiva e eminentemente nacional do Estado Novo. A política do espírito, sábia e orientada e que tanto tem contribuído para elevar o nível mental da nação, prestigiando o nome de Portugal, além fronteiras, seguiu-se, a-par da tarefa de reconstrução económica e de solucionar problemas de carácter social, a empresa, não menos importante para o futuro, do revigoramento da raça, pela cultura física, base de toda a actividade de força e destreza, que atinge a sua mais bela expressão na prática do desporto.

E' aplicação integral, como objectivo de um povo que quer conquistar a alegria de viver, tornando-se forte e vigoroso, do sábio preceito latino: um espírito são num corpo viril.

Assim foi que, quando o sr. dr. Oliveira Salazar anunciou o propósito de construir o Estádio Nacional, toda a Nação o aplaudiu e as massas desportivas vibraram de intensa e jubilosa alegria.

A promessa cumpriu-se e, dentro em breve, o Palácio dos desportos, imponente e magnífico nas suas linhas correctas e elegantes, evocará a beleza clássica dos torneos olímpicos, nas competições desportivas ou nas serenas exhibições de ginastas e atletas vigorosos.

As obras foram orçadas em cerca de 31.000 contos e só as expropriações de propriedades rústicas e urbanas, na zona escolhida, atingiram o montante de 3.022 contos.

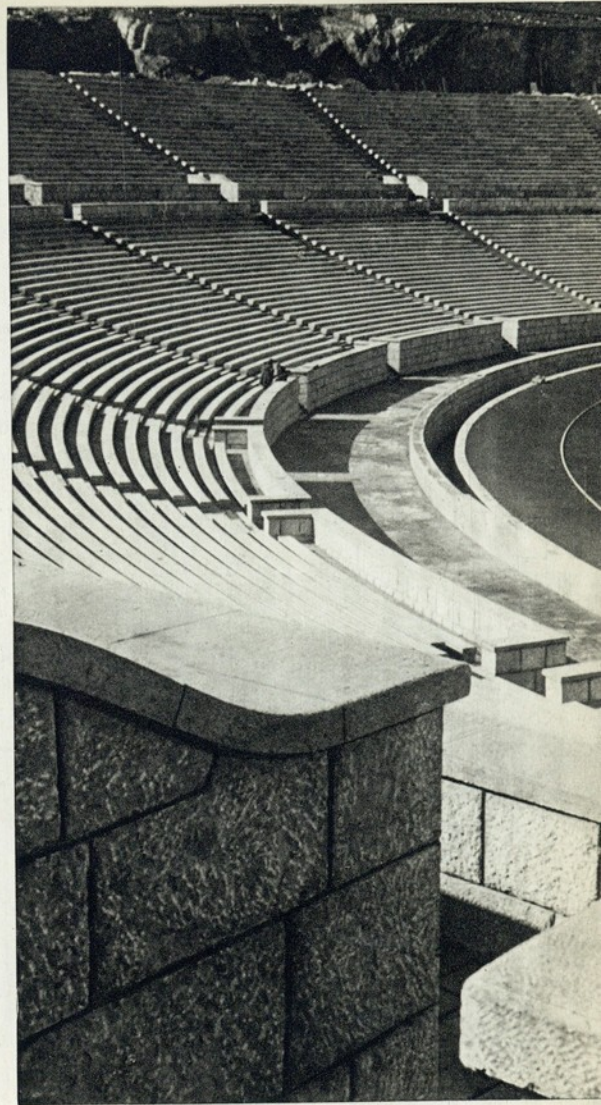
O Estádio Nacional, uma das mais grandiosas obras de engenharia realizadas no nosso país, ocupa uma área considerável no vale do Jamôr, nas vertentes de Santa Catarina e do Esteiro, desde a Cruz Quebrada a Linda-a-Pastora, abrigada dos ventos pelos montes que a cercam. O local era assinalado por uma lomba de terra vermelha e de ali foram retirados 450.000 metros cúbicos de areia, depois de que se iniciaram os trabalhos de construção. As escavadoras prepararam o leito da grandiosa obra, afundando o terreno, na direcção Norte-Sul, e, sucessivamente, as obras foram progredindo até que o Estádio começou a sobressair, na forma dos recintos clássicos, em pedra lavrada pelas mãos prodigiosas dos artistas canteiros de Terrugem, Chilreira ou de Ca-briz.

Obra notável, a que fica ligado o esforço dos melhores operários portugueses, para se fazer ideia da sua grandiosidade basta dizer que, percorrendo-se em espiral, uma a uma, as suas bancadas, dispostas em anfiteatro, num círculo imponente, se andaria cerca de vinte e cinco quilómetros. Ao centro, fica o rectângulo de futebol, aveludado pela relva de verde-tenro que os jardineiros tratam com cuidados especiais, e uma pista excelente de atletismo. Aquêles recintos são separados das bancadas, em escadaria de quarenta e seis degraus, por um fôso que impede a invasão pelo público.

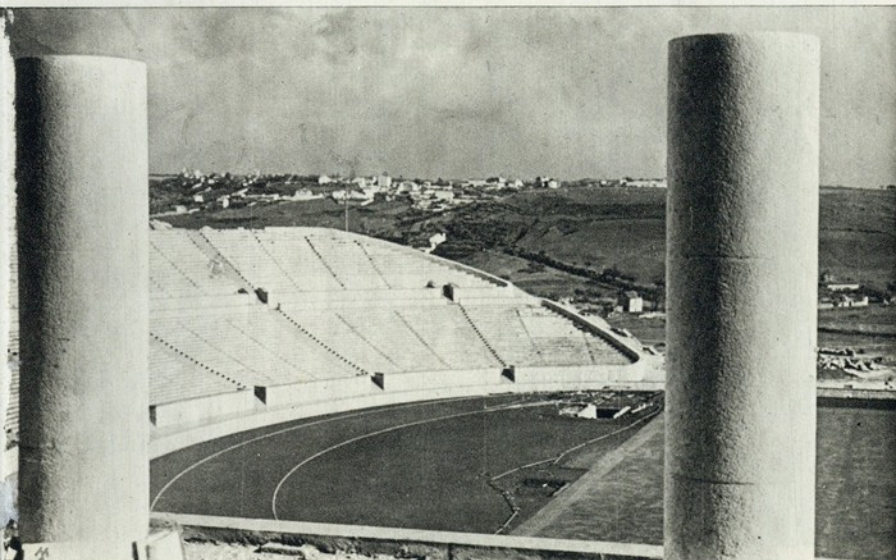
A tribuna presidencial domina o magestoso panorama. Os atletas surgirão em pleno campo, sem serem vistos antes, pois os vestiários e balneários comunicam com o parque de jogos por meio de passagens subterrâneas. O edificio principal destaca-se no conjunto harmonioso pelo equilíbrio e elegância das suas linhas arquitectónicas e tudo obedece a um plano perfeito em que todos os pormenores se conjugam para nos dar uma visão de beleza impressionante. Há os campos de «handball», «hockey», «volley»; «rink» de patinagem, «court» de «tennis», pista de ciclismo, piscina, lugares, enfim, para todos os desportos.

Tudo foi previsto na tribuna de honra: haverá lugares especiais para a Imprensa, postos de radiodifusão, cabinas telefónicas, instalações sanitárias e higiénicas, aquecimento e outros requisitos. Haverá, também, um pavilhão destinado à «Mocidade Portuguesa» e parques de estacionamento para cerca de 3.700 viaturas.

O Estádio terá capacidade para mais de cinquenta mil espectadores. Numa zona natural de turismo arrabaldino, a dez minutos da Baixa, pela auto-estrada, e vinte e cinco de «eléctrico», ele será um motivo de orgulho para os obreiros do Estado Novo e o testemunho do triunfo máximo da raça — como nos tempos aureos dos Jogos Olímpicos da velha Grécia.



Éis o anfiteatro das bancadas dum rara imponência arquitectónica



Colunas polidas, linhas geométricas em círculos graciosos, eis uma visão dos estádios olímpicos, na Grécia antiga



A construção do Estádio Nacional deu trabalho e alegria a muitos operários

AS IRMÃZINHAS DOS POBRES

Há um século, em Saint Servan, na Bretanha, uma criada de servir recolhia em sua casa algumas pobres velhas, para elas mendigando sustento de porta em porta. A obra piedosa de Joana Jugan — tal era o nome da bemfazeja — logo foi auxiliada por mais duas servas que a ajudaram na sua empresa. A missão humilde de Joana desenvolve-se. De tóda a parte acodem colaboradoras, procurando por votos de mendicância a hospitalidade, a elevação da alma; por tóda a parte se fundam hospícios para velhos dos dois sexos, e o pequeno lar de Saint Servan multiplica-se agora por 307 casas de assistência à velhice,

espalhadas em todo o mundo, e que são hoje a Congregação Hospitalreira das Irmãzinhas das Pobres que, em Lisboa, tem a sua expressão no Asilo de Campolide. Ali, em enormes edificios batidos de sol, mais de duas centenas de velhos, doentes uns, inválidos outros, vivem em paz a última etapa da vida.

Seja qual fôr a sua confissão religiosa, a todos rodeia o carinho e a hospitalidade das Irmãzinhas, nada mais se lhes pedindo além de obediência ao regulamento familiar da casa.

A vida calma, o confôrto simples, que marca o ideal de Joana Jugan para todos aquêles a quem as in-



Os seus olhos têm poisado sobre tódas as dores, sobre tódas as misérias, mas parece que o céu os encantou de mística suavidade



Os pobres recolhidos das «Irmãzinhas» dirigem-se para a missa. Deus está com eles



oração da manhã. Uma Avè-Maria piedosa evolva-se dos seus lábios maguados



Este lê o jornal. Apesar de separado do mundo, pelos anos, ainda quer saber o que se passa nele. A guerra, meu Deus!



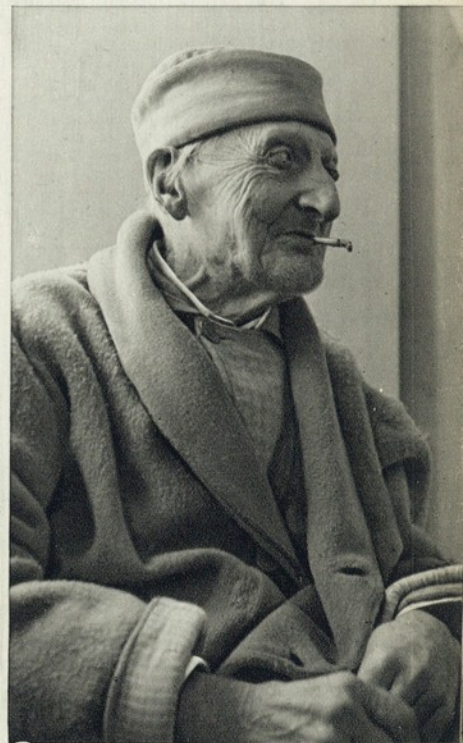
São como avôzinhas trabalhando para os netos estes doces anjos «brancos» para quem a pobreza é suprema virtude

quietações e privações consumiram uma parte da existência, é a permanente ordem do dia na Casa de Campolide. Alimentação farta, hortejas viçosas que os menos decrepitos amanhã, rotundas e gálerias onde o sol aquece as horas de repouso dos asilados, camaratas enormes, muito brancas, tão brancas como as almas que abrigam, que mais podem ambicionar os pobres velhos a quem o conforto espiritual da palavra das religiosas conduz no caminho para a eternidade bem aventurada?

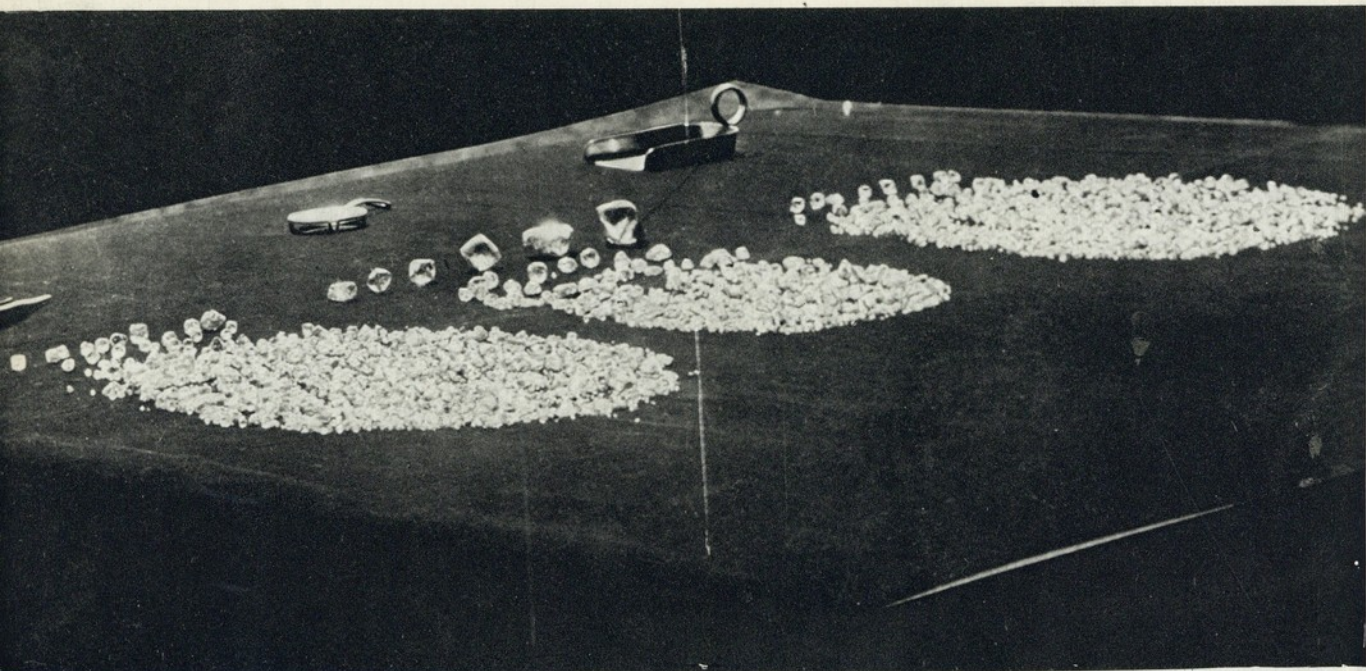
Os recursos da casa de Campolide assentam na Providência. As Irmãzinhas, confiadas em Deus e na protecção de S. José, patrono da congregação, fazem o peditório e nunca o necessário lhes faltou para a grandeza da sua obra cristã. A pobreza que é regra das postulan-

tes, não lhes permite aceitar vendas a título perpétuo; nada mais que simples legados e donativos. No entanto, nem uma vez só qualquer coisa faltou aos protegidos das Irmãzinhas dos Pobres. E' que a abnegada fé das religiosas do peditório tudo obtém para os quasi tresentos asilados de Campolide. Géneros alimentícios, roupas, tabacos e até muito recentemente, duas... vacas!

Vale a pena visitar o Asilo de Campolide, percorrer as suas instalações, compreender a humildade, e dedicação que é o sacerdócio das Irmãzinhas! Saimos de lá com a certeza de quanto lhes deve a nossa gratidão pela sua actividade em favor dos desprotegidos, e a obrigação de sermos generosos quando as postulantes pedem à porta das nossas casas os poucos que fazem o muito da sua grande obra.



Oitenta e oito anos! Voltou a ter vinte. Sorri com beatitude à vida que renasce em suaves manias de velho



A mesa de escolha dos diamantes. Estas três mãos-cheias de pedras preciosas valem dois mil contos

A TERRA DOS DIAMANTES

Quem há que não tenha, alguma vez, acalentado o sonho ambicioso de possuir diamantes, numerosos diamantes, em toda a classe de jóias com que é de uso, desde tempo imemoriais, exibir as suas maravilhosas e formosíssimas fosforescências?

Essas pequenas pedras que o sub-solo guarda avaramente no mais profundo das suas entranhas, onde o homem se não cansa de ir procurá-las, e que, depois de hábilmente lapidadas e polidas por artistas da especialidade, irradiam miríades de cintilações de encantadora beleza, só em raros e privilegiados pontos do Globo se encontram.

Para obter êsses preciosos cristais, necessário se torna, muitas vezes, penetrar até profundidades de muitas centenas de metros, lutando com inúmeras dificuldades e sacrifícios, porque os locais onde êles se encontram são constituídos por uma matéria branda, argilosa, a que os mineiros chamam *terra amarela*, havendo sob esta uma outra camada, de cor cinzento azulado, conhecida por *terra azul*, e só depois desta se depara a rocha dura que oculta em seu seio essas embriagadoras riquezas.

São tantos os sacrifícios a arrostar para se tirarem à terra os diamantes que por toda a parte se tem pretendido imitá-los, criando um produto que, lançado nos mercados de joalheria a preço baixo, consiga reproduzir com perfeição a sua beleza surpreendente.

Mas todas as tentativas têm resultado inúteis. Não é possível fazer sair dos laboratórios um cristal que substitua as rutilações puríssimas daquele que a Natureza cria.

Houve, é certo, não há muitos anos, em 1930, um sábio americano que conseguiu obter diamantes de fulgurações muito puras, utilizando para isso, o açúcar. Apresentou à Sociedade de Ciências Químicas de Nova York alguns exemplares de pedras formosíssimas e nas quais dificilmente se encontraria diferença dos autênticos diamantes. Mas a produção desses cristais vinha a sair muitíssimo mais cara do que a exploração duma mina, visto exigir uma complicada e delicada maquinaria capaz de submeter o açúcar a pressões calculadas em vinte toneladas por centímetro quadrado, e assim mesmo, haveria de contar com defeitos de fabrico e, acima de tudo, com aquêle desprezo máximo que atinge todas as pedras falsas, por mais lindas e ilusórias que sejam.

É na África do Sul e na África Ocidental Portuguesa que se encontram as mais ricas minas de diamantes de todo o Mundo.

Os célebres campos diamantíferos de Kimberley,

na África do Sul, foram descobertos, em 1867, por dois lavradores que, casualmente, encontraram um garoto a brincar com algumas pedras, entre as quais se divisava um diamante de extraordinário tamanho. A notícia correu veloz por todas as regiões do Globo e, de toda a parte, acorreram milhares de homens ao Transvaal, a disputar a obtenção de tão incalculáveis riquezas. Se grande número deles viram coroadas de êxito as suas ambições, ao fim de enormes sofrimentos, muitos mais houve que, desiludidos, por lá morreram, em circunstâncias desgraçadas, cheios de doença e de miséria.

Mas essa afluência de colonos forneceu àquela região, nessa época conhecida por *Colesbergkopje* ou *New-Rush*, onde poucos habitantes havia, um progresso sempre crescente, que hoje se manifesta de maneira assombrosa, embora, entre os magníficos edifícios que lhe são justo motivo de orgulho, não deixem de manter-se, aqui e além, com uma fidelidade tocante, numerosos barracões humildes a atestar a chegada ali, há 70 anos, dos primeiros emigrantes que tentaram a aventura.

Por aquela imensa extensão de terras há grande número de *chaminés* diamantíferas, sendo apenas oito as mais ricas: cinco em volta da cidade de Kimberley, outra em *Jagersfontein*, outra em *Kofficfontein*, Estado de Orange, e a famosa *Premier*, nas cercanias de Pretoria, na qual se encontrou o mais formidável bloco da história diamantífera do mundo, um diamante de 3.200 quilates, com o peso de 800 grs., que ninguém seria capaz de dizer, presentemente, quanto dinheiro valerá.

Na África Ocidental Portuguesa, as primeiras pesquisas de diamantes foram feitas em 1911, por uma empresa nacional que explora os terrenos aluvionários da Lunda, com bons resultados, aumentando constantemente a sua extração e dando à colônia um desenvolvimento extraordinário, pois embora essa Companhia possua, até 1951, o exclusivo da exploração dos diamantes, em volta das suas minas se tem feito uma importantíssima colonização de famílias que se dedicam à agricultura e ao comércio, indispensáveis para a manutenção no planalto do numerooso pessoal ali empregado.

Que se saiba, o maior diamante encontrado, até agora, na Lunda, chegou a pesar, 52,30 quilates, mas, infelizmente, não era de boa qualidade, tendo-se, porém, obtido pedras de 35 e 40 quilates, de grande pureza.



No fundo deste escarpado vale, a terra, por vezes, refulge numa via lactea de estrelas



A maior escavação feita pelo homem no mundo. Desta caverna negra sai o valioso minério em fragmentos rutilantes

S. SABOYA

(Fotografias cedidas por «The African Railways and Harbours»)



Nêste subterrâneo cavado há milênios no Norte de África, instalou-se o quartel general duma divisão inglesa



O Negus em África. Junto da cidade de Kartum, Hailé Selassié passa revista a um acampamento indígena



Uma cena impressionante da guerra, que fixa o momento dramático da reconquista do forte de Galabat pelas tropas britânicas antes de se internarem na Abissinia



O mercado indígena de Benghazi, capital da Cirenaica, valorosamente conquistada pelas tropas inglesas numa ousada manobra do general Wavell



Um spahi, da cavalaria do deserto, que pertence às tropas francesas que combatem em África a favor da Inglaterra

FIGURAS E FACTOS



Willkie, «Cidadão particular n.º 1» dos Estados Unidos, quando esteve em Lisboa de regresso ao seu país



O sr. Presidente da República, tendo à direita o sr. Trigo de Negreiros, numa sessão do S. N. dos Empregados das Companhias de Seguros



O novo ministro da Suíça em Lisboa, conversando com alguns dos seus compatriotas no Avenida-Palace



Jantar de homenagem ao pintor andaluz Vasquez Diaz. Na presidência, o sr. prof. dr. Reinaldo dos Santos, presidente da Academia de Belas Artes



Almôço em honra de sir Ronald Campbell, embaixador da Inglaterra em Lisboa, no Club inglês



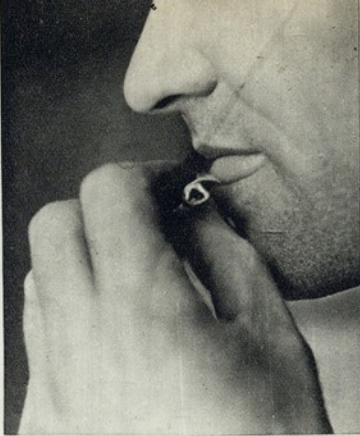
O sr. Hopkins, enviado especial de Roosevelt junto do governo britânico, com Sir Noel Charles, em Cabo Ruivo, depois de desembarcar do avião que o trouxe de Londres.



A mão trêmula que ridge apressada; outra que segura o cigarro, suavemente



Um charuto com cinta dourada, loiro e perfumado, é a suprema sensação do fumador



A delícia do fumador começa quando ele amolda o cigarro entre os dedos e o leva à boca



O vício de fumar desperta a fumar um mundo de ilusões que o abstraem das realidade



Entre uma taça de espumoso e uma cigarrilha de perfume estonteante, corre a felicidade de uma mulher



Falar com alguém, mesmo através do telefone, é, às vezes, difícil. O cigarro, porém, vence o embaraço dos tímidos



As mãos rudes e másculas que calejarão no trabalho apenas conhecem o contacto com cigarros brejeiros

"O fumo do meu cigarro..."



primeiro cigarro da juventude!

É certo que provocou uma tosse impertinente na garganta irritada, mas deixou-nos, também, um traço amargo a lembrar-nos sempre o risco da aventura. Enfim, foi o primeiro cigarro...

— Porque fumamos?

— Sofre a singular emoção de uma paixão inditosa? Começa a descrever das mulheres? Desconfia dos homens? A vida não lhe sorri?

— Fume um cigarro! Desfie as suas confidências, enquanto o fogo o vai consumindo. Deixe correr os pensamentos sombrios com o fumo que se evapora nos seus caprichosos curvejos... Ao fim de um ou de uns quantos estará reconciliado com o mundo.

— A vida, afinal, tem coisas belas!

Se não fôsse o cigarro o que seria dos espiritos torturados que buscam a forma e a perfeição ideal das coisas! O que fariam os mestres, quando não lhes saíssem pelos bicos da pena as frases buriladas do estilo requintado? Nem todos escrevem com pena de ouro!...

Dizem que envenena — tóxico caro e perigoso; é dinheiro que se gasta. Deixá-lo. Perdoa-se-lhe o mal que faz pelo prazer que proporciona.

Depois, o cigarro não incomoda. Quando nos aborrece deitamo-lo fora. Não se pensa mais no que ardeu, mas noutra que se acende.

Que singulares caprichos têm os fumadores!

É complicado isto de fumar. Freud explica a volúpia do fumador, desde o deleite com que acaricia a mortalha, ao enrolar os loiros fios, o jeito de tirar o cigarro da cigarreira, a delícia com que os lábios o sugam, até ao abstrair dos sentidos, na turbação da névoa de fumo, e, mergulhando nos abismos da psicanálise, relaciona tudo isso com qualquer dos complexos.

E o cigarro, de certo modo, esclarece a psicologia de quem o fuma: cigarro ligeiro, cigarro voluptuoso, cigarro forte — cada um deles define uma alma.

Para um homem filosofar não há como uma cigarrada.

Entre um «Abdulah» e um «Kentucky», temos definidos dois extremos, duas posições sociais — do aristocrata ao plebeu. Todos, porém, gosam as mesmas delícias e fumam por vício, na inconsciência do hábito adquirido; para distrair e afugentar preocupações.

Fumam porque fumar é arrancar do íntimo aquilo que perturba. E só o cigarro, às vezes, nos conduz à abstracção da realidade, ao doce abandono para o nada, no tropel de pensamentos que se despenham nos precipícios do sonho, para as serenas paragens da indiferença. Foi a contemplar o fumo de um cigarro que Tourgueniev escreveu as «Almas Simples».

— Que estranha coisa o cigarro!

Mas, as mulheres, porque fumam elas?



Uma chávena de café e um cigarro que se queima com lentidão



O devaneio espiritual num lar confortável não dispensa a volúpia de um cigarro

CÉSAR DOS SANTOS



Na paisagem magnífica da Costa do Sol, há lugares aliciantes para a prática do «golfe»

O GOLF joga-se há quinhentos anos



O «golfe» é um desporto de destreza e harmonia de gestos que encanta e emociona os espectadores.

O Golf é um dos desportos mais antigos e dos mais espalhados pelo mundo. Em todos os países de língua inglesa, ao despontar a primavera, o Golf toma os seus direitos de desporto predilecto; e, onde exista sobre a terra uma colónia de súditos do Reino Unido, é lá tradicional o minúsculo rectângulo de terra batida, tendo ao centro uma bandeirola vermelha, arvorada num pequeno poste assente num buraco que há no centro do rectângulo. Entre nós, este desporto vai ganhando adeptos. No alto da Ajuda, em Carcavelos, no Estoril e nos arredores do Porto há excelentes campos de Golf e o número de jogadores portugueses começa a tomar boas proporções.

É um jogo para todas as idades. O espaço pode graduar-se à vontade. A marcha não é violenta nem muito fatigante. A pancada a dar na bola exige mais perícia do que força. E as diferentes pancadas a dar e as tentativas, perto do rectângulo, para introduzir a bola no buraco são bem estudados momentos de repouso que tornam este desporto acessível a jogadores de avançada idade. Em resumo: é um meio óptimo de algumas horas ao ar livre, no campo, em candidativa diversão.

O golf é originário da Escócia, onde, ao que parece, foi criado quando, em 1413 — há mais de 500 anos! — se fundou a Universidade de St. Andrews. Em 1553, aparece este desporto a ser recomendado pelo Arcebispo de St. Andrews, como sendo um belo e salutar exercício. E, em 1608, o rei Jaime I de Inglaterra e VI da Escócia, grande desportista, como todos os ingleses, coroados ou plebeus, concorreu para a sua introdução em Inglaterra, realizando-se a primeira partida em Blackhead e daí em diante passou a ser um desporto britânico.

Os clubes mais antigos tem alguns centos de anos. Encimam hoje a lista o Real e Antigo Golf Club de St. Andrews, fundado em 1754 e que hoje governa no mundo os destinos deste desporto. A este clube concedeu o Rei Guilherme IV a distinção de usar o título de «Royal and Ancient» a anteceder o nome da fundação; o Royal Blackhead, foi fundado em 1608; o Royal Burgess Golfing Society, de Edinburgh, em 1735; o Honorable Company of Edinburgh Golfers, em 1744.

Em 1860, o Prestwick Golf Club tomou a iniciativa duma competição para amadores e profissionais, instituindo o prémio «Cinto do Campeão», o qual ficaria na posse definitiva do jogador que conseguisse ganhar a prova três vezes consecutivas. No primeiro, foi vencedor W. Park, de Musselburgh, mas nos dois anos imediatos o vencedor foi o famoso Tom Morris, o qual não conseguiu a honra de conquistar esse trofeu. Mas essa proeza foi realizada pelo filho, outro jogador também célebre, que ficou conhecido pelo apodo de Young Tom, que foi o triunfador de 1868 a 1870. Em 1872 insitui-se a

C. U. P., que no primeiro ano foi ganha pelo mesmo Young Tom que mais tarde havia de bater um recorde que está por igualar: quatro vitórias consecutivas.

O campeonato do Mundo, até 1914, esteve sempre na posse dos ingleses. Depois, os americanos suplantaram-nos e, de 1925 a 1933, o campeão esteve sempre do outro lado do Atlântico.

Hoje, o golf tem uma expressão invulgar — em todo o mundo. É o desporto de eleição do fim de semana. É como dissemos, um pretexto para um belo passeio pelo parque ou pelo campo.

O jogo é constituído, em regra, por 9 ou 18 rectângulos de terra batida (ou relvada) distanciados uns dos outros uma larga centena de metros, mas a maioria das vezes, há apenas nove rectângulos, e o jogo, então, compreende duas viagens, o que prefaz o total de 18 rectângulos. No meio do rectângulo há um buraco circular de duas ou três polegadas de diâmetro e quatro ou cinco de fundo. Cada rectângulo toma a designação de buraco e diz-se que o jogo tem 9 ou 18 buracos. O golf joga-se com uma pequena bola de quatro a cinco centímetros de diâmetro. Dum buraco para o outro, a bola é batida com «tacos de golf» dispondo cada jogador duma colecção de tacos especiais, apropriados para bater a bola segundo a natureza do terreno onde cair ou o obstáculo a transpor, pois como foi dito, entre cada buraco há sempre os mais variados obstáculos — árvores, sebes, valas, montes de terra e.c. O objectivo é, pois, levar a bola dum rectângulo para outro fazendo-a penetrar no buraco com o menor número de pancadas ou tacadas. E há dois processos de jogar: um, pelo total das pancadas dadas para percorrer todos os buracos; outro pelo número de buracos ganhos, independentemente do número total de pancadas, ganhando um ponto o jogador que der o menor número de pancadas na bola, para a levar dum buraco para o outro.

Resulta daqui que a vitória pertencerá sempre àquele que tiver maior perícia tanto na maneira de dar a pancada, como na escolha do taco a utilizar para vencer as dificuldades opostas pelo terreno.

É, em resumo, um desporto agradávelíssimo, cheio de imprevistos, de dificuldades de toda a ordem e que muito prendem e estimulam os jogadores.

Ao espectador desprevenido, o golf tem aspectos de monotonia e de pouco interesse. Mas, jogado uma vez, a impressão é totalmente diferente. Nada é mais agradável e aliciente, e ao mesmo tempo movimentado, do que uma partida de golf. E só então se compreende a predilecção dos ingleses por este admirável jogo desportivo.

Fernandes de Oliveira

Página Feminina

de AURORA JARDIM

Em que posição dorme?

Li há dias um artigo do médico americano Richard H. Hoffman, tendente a demonstrar o que revelam as diferentes posições tomadas durante o sono.

Ora, das palavras do sábio psiquiatra, *mutatis mutandis*, deduz-se o velho axioma: «dize-me como dormes, dir-te-ei quem és». Ou, pelo menos, o que pensas e qual o teu estado de saúde.

Abolidas as funções dos centros nervosos, o indivíduo cai na inconsciência que se explica pela plasticidade dos neurones.

E surge o abençoado sono.

Permanecer absolutamente imóvel durante toda a noite, designa apatia, lassidão de viver. O normal é a pessoa mover-se cada 6 a 15 minutos. Parecerá uma «bicha de rabiar» mas a ciência acha bem.

Há quem durma de boca para baixo. Se fôr homem, será escrupuloso e possuirá forte personalidade. Se fôr mulher, pelo contrário, essa posição demonstrará apenas uma excessiva benevolência — para com os seus semelhantes? — não; para consigo própria, o que é muito mais cómodo.

É repousante dormir de costas, deixando descansar bem todo o corpo. Segundo o psiquiatra americano, significa optimismo e alegria. Irá para o trabalho a cantar versos como estes do poeta brasileiro Bastos Tigre:

É cantando a sorrir que a lula mais intensa
Em vez de provação é recreio e prazer.
Traz o trabalho em si a maior recompensa
Se um desânimo vil não nos abate o ser.

Seja o nosso trabalho a arte da nossa es-
tima;
Dêmos-lhe todo a amor que tenhamos em nós,
Como o escultor que à pedra extrai sua obra
prime,
Como o cantor que goza o som da própria voz.

O que dorme atravessado em diagonal é egoísta.

Dormir agarrado ao travesseiro significa afecto mal correspondido e meter a cabeça por baixo da almofada quer dizer que se tem receio da vida.

No cinema, aparecem às vezes, as ingénuas dormindo seráficamente com as mãos cruzadas na nuca: é a posição clássica das românticas que ainda lêem o «Noivado do Sepúlcro» e passam a vida no varandim do sonho à espera do príncipe encantado.

Dormir para o lado esquerdo não é aconselhável por causa do coração. Aquêlo que cobre o rosto com as mãos demonstra que a soma de carinho que recebe não é igual à que dá. Desequilibrada a lei dos vasos comunicantes.

Dormir em *chien de fusil*, isto é, com os joelhos à boca, é a posição chamada «fuga da realidade». Nas pessoas idosas significa desengano e vontade de deixar o mundo material; nas novas é desejo de sonho, êsse paraíso que Coelho Neto assim definiu: «um pão seco que sabe a manjar, porque se come, sonhando».

Dormir sobre o lado direito é aconselhável mas



Vestido de baile para rapariga em organza estampada com fitas de veludo fechando o corpete

peratura do corpo. Ar fresco.

E diz também o médico: colchão duro. Aqui está uma coisa com que poucos se conformarão: colchão de sumá-pau não é para desejar nem ao nosso peor inimigo...

A insónia é realmente um terrível mal. Mas ouvi dizer a um homem casado que há outro ainda pior: sonhar em voz alta.

Originalidades da Moda

Nos vestidos

Na *botoeira* usa-se a mesma flôr que garante o chapéu.

A *serpente* forma colar, duas vezes enrolada sobre

não forçadamente pois perderia todo o efeito. As posições adoptadas durante o sono devem ser espontâneas — uma pose convencional nunca dará o rigoroso sossêgo que se pretende.

Dormir! Cessação da actividade que fatiga, embrenhamento no nada.

O sono é o mais completo restaurador de forças, o melhor tónico para quem trabalha, o mais poderoso chá de cidreira ou veronal para os nervos. Os adultos devem dormir oito horas. As crianças dez. Conhecem um quadro de Anibal Carracci que se encontra no Louvre? O Menino Jesus está a dormir nos braços de sua mãe; São João Baptista vai acordá-lo; Nossa Senhora impede-o, colocando o indicador nos lábios como quem diz! — Schiui! — Bela idealização do silêncio que nimba o sono de Jesus.

Há ainda a insónia. Ela é o monstro que rõe a paciência e faz nascer idéas negras dramatisando intenções que, vistas à luz do sol, nada têm de sombrio. Não é propriamente uma doença mas gasta o organismo. Atenua-se fazendo ginástica, bebendo bastante sumo de frutas, tendo boa alimentação e tomando antes de deitar, um banho morno, à tem-



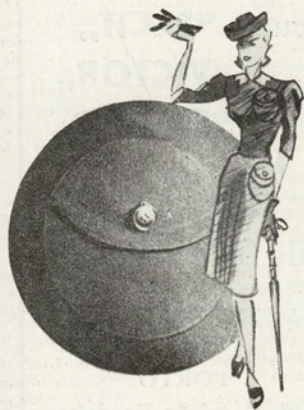
Vestido de noite em marocain azul-noite guarnecido a pailletes douradas

si mesmo. É de ouro e tem olhos de rubi — como as pulseiras antigas.

Para tarde há o *pull-over* feito em malha de *lamé* bordado a pérolas pequeninas.

Vêem-se as mangas muito largas, apertadas no pulso.

É interessante o *tailleur* combinado: saia preta com riscas ou quadrados brancos; casaco branco com riscas ou quadrados pretos.



Uma algibeira original

A VIUVA ALEGRE DE UM AMERICANO TRISTE

NOVELA DE LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

Madame Sepúlveda costuma reunir às quartas-feiras algumas pessoas a jantar. Jantar quasi intimo, sem protocolo, em que se fala de tudo, entre alguns pratos excelentes. Há convivas certos: a viscondessa de Noronha, sempre bonita, com os seus olhos pretos e o seu colar de pérolas; o marido grisalho, de flor ao peito, eternamente de *frack*; o general Maldonado, *vieu-garçon*, alto, elegante ainda, falando de batalhas como se fiasse de grandes campeonatos de xadrez; o conselheiro Azevedo, antigo ministro da monarquia, académico, calva brilhante e erudita, sintilando à luz como uma enorme bola de bilhar; o poeta Montalvão e a mulher, admiráveis, ela sempre preocupada com os versos d'ele, ele sempre preocupado com as gripes dela, ambos em plena lua de mel, há vinte anos. Incidentalmente, aparecem outras pessoas, umas para o jantar; outras para o café; outras ainda, já quando se conversa na pequenina sala de estar, aconchegada e quente, onde há os *maples* mais acolhedores deste mundo. Nem todas as semanas me é possi-

vel ir jantar a casa de Madame Sepulveda — que eu tanto comparo a Madame de Jouarre de que falava Fradique Mendes — mas estive lá na última quarta-feira. «Não falte — telefonara-me, logo de manhã, gentilmente, a minha amiga — Tenho hoje uma surpresa que lhe deve ser agradável». Fui; confesso-lhes que, de facto, a surpresa não podia ser mais agradável para mim; e passei algumas horas alegres e despreocupadas, coisa que, no momento presente, não é muito fácil conseguir. Apenas entrei senti-me preso nuns braços fortes: era Carlos Frederico, meu velho amigo e condiscipulo, hoje diplomata ilustre, recém-chegado da America, e que Madame Sepulveda quisera nesse dia convidar para jantar.

— Que surpresa, hein!

— E' verdade! Que surpresa.

Durante o jantar conversou-se animadamente. Depois fomos para a sala dos *maples*, tomar café, fumar, fazer má-língua.

— Não digam mal dos outros — murmurou a certa altura a



viscondessa de Noronha, brincando com as suas pérolas.

— V. Ex.ª, senhora viscondessa — interveiu o general Maldonado — prefere que digamos mal de nós próprios? Parece-me uma generosidade excessiva...

— Porque não falam de literatura? — lembrou Madame Montalvão a quem o marido acabava de aconchegar no bolero cinzento.

— Porque não estamos positivamente, minha senhora, numa sessão da Academia! — sentenciou, irónico, o general.

— Então só na Academia é

que se pode falar de literatura? — inquiriu Montalvão.

— E' o único lugar onde se pode dormir, deante de gente, sem ser menos correcto, meu amigo.

— Sempre feroz o nosso general — exclamou o conselheiro. — Como em plena batalha!

Houve um largo sorriso. Tentaram as chávenas. Uma nuvem de fumo, mais densa, subiu no ar, em linhas caprichosas.

— E' verdade, ó Carlos, tu ainda fazes versos? — perguntei eu.

— Não. Deixei-me disso. Na

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA DO BRASIL

Paquete "ANGOLA". *Sairá no dia 26 de Fevereiro para Santos e Rio de Janeiro com escala pelo Funchal e S. Vicente*

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete "LOURENÇO MARQUES." *Sairá no dia 28 de Fevereiro escalando os seguintes portos:*

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e para outros portos da Costa Oriental, com baldeação em LOURENÇO MARQUES

Para carga e passagens trata-se na

Séde: Rua do Comércio, 85 — telef. 23 021 [6 linhas]
LISBOA

Sucursal: Rua Infante D. Henrique 73 r/c. — Tel. 1 434
PORTO

Máquinas de Escrever

ROYAL

A Máquina N.º 1 do Mundo
com Marginação Mágica

Modêlos comerciais e portateis
Máquinas de calcular "FACIT,"
Ditas de Somar "VICTOR,"
Ficheiros "RONEO,"

ARTIGOS PARA

Equipamentos de Escritório

SOC. COM. LUSO-AMERICANA, L.^{DA}

LISBOA
R. da Prata, 145

PORTO
339, R. Sá da Bandeira

Demasiado fatigada para GOZAR o descanso?



Como se sente, ao anoitecer? Demasiado fatigada para levar a cabo os seus trabalhos e para meter os pequenos na cama?

Sente-se disposta a ouvir as notícias ou um bom concerto pela rádio? Ou tem vontade de se atirar para qualquer parte, sem poder mesmo sentir o prazer do descanso, aborrecendo a própria música?

Isto não está bem; há qualquer coisa que não está certa. Não sabe o que é?

Talvez prisão de ventre. Evacua com regularidade? Mesmo assim, pode sofrer de prisão de ventre. A eliminação pode não ser completa e, neste caso, acumulam-se venenos no seu sangue, que lhe tiram toda a boa disposição.

Para estes casos, existe um remédio fácil e simples: — tomar uma «pitada» de Sais Kruschen. Esta «pequena dose» contém precisamente os sais minerais que são necessários para assegurarem o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em todas as farmácias, a 1750 e 10500 escudos o frasco.

SOFRE DO ESTOMAGO HÁ MUITOS ANOS?

Tem gásto, sem resultado, uma fortuna em remédios?

Não desanime. Há hoje um produto capaz de acabar com os seus males. É um remédio fácil de tomar, cómodo de transportar e económico. São as Pastilhas Digestivas Rennie. Quando tudo o mais tiver falhado, é altura de experimentar as Pastilhas Rennie. Logo depois das refeições, meta duas pastilhas na boca e chupe-as como se fossem simples pastilhas de hortelã pimenta. Os seus resultados são assombrosos.

As pastilhas digestivas Rennie, contém determinados produtos que neutralizam a acidez; outros que absorvem os gases, e ainda outros que facilitam as digestões. São de gosto agradável e não precisam de água para se tomarem. A saliva encarrrega-se de levar os seus ingredientes ao estomago, sem diluições nem perdas das suas propriedades. Geralmente bastam duas Pastilhas Rennie para acabarem com as dores de estomago em 5 minutos.

Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6500 os pacotes de 25 e Esc. 20500 os de 100 pastilhas.

América não se fazem versos: faz-se prosa.

— Mas também há poetas — retorquiu logo Montalvão, quasi vexado.

— Sem dúvida! Entretanto os verdadeiros poetas da América do Norte, não cantam os olhos ternos, as tranças loiras, os corações apaixonados: guiam automóveis e são directores de bancos.

— Oh! — fez Montalvão, afoqueando-se.

— Temos de concordar que é muito mais práctico — disse o general.

— Mas muito menos lírico — rematou Madame Sepulveda.

— Então decididamente abandonaste a literatura? — insistiu.

— Não — respondeu-me Carlos Frederico — não é fácil, como sabes, esquecer um vício que se adquiriu em novo. Limitei-me a mudar de rumo. Enveredei pela prosa. Comecei por delinear uma novela — e acabei talvez por escrever o argumento dum filme.

A viscondessa interveiu, risonha:

— Depois das Musas do Parnazo — as girls de Hollywood...

— Este Carlos está um americano autêntico! — atirou o Conselheiro. — Quem havia de imaginar uma transformação destas!

— E pode saber-se o que é essa obra-prima?

— As novelas leem-se, mas não se contam.

Na sala fêz-se uma pequenina revolução, o conselheiro pediu; o general ameaçou; as senhoras insistiram; Carlos teve de decidir-se — e terminou por contar-nos, em rápidas palavras, o entredo da sua obra.

Certo americano, milionário e excêntrico — Mr. Weter John — casa um belo dia com uma rapariga austríaca, muito bonita, que êle conheceu em Monte-Carlo, numa das suas viagens à Europa, e de cujos olhos, surpreendentemente azuis, se desprendia um brilho que perturbava e endoidecia todos os homens. Partem para Nova-York; instalam-se num home opulento, como princípios; mas passa-se pouco mais dum ano e uma noite o americano veste um smocking, põe uma orquídea na lapela, beija a mulher, diz-lhe que vai ao club jogar o bridge, desce ao escritório no primeiro andar e, com a mesma naturalidade com que costumava acender o seu cachimbo — dá um tiro na cabeça. Acorre a mulher, a po-

lícia, gente. Metem-no num automóvel. Levam-no ao hospital. Tudo inúti, já está morto. Uma pergunta aflora em todas as bocas: porque se mataria êste homem tão rico, casado com uma mulher tão bonita e aparentemente tão feliz? Ninguém encontra uma resposta. No dia seguinte é aberto o testamento. É, no meio do justificado assombro dos que assistem à sua leitura, verifica-se que o americano deixa a sua imensa fortuna, não à mulher, mas ao homem que vier a casar com ela dentro dum ano...

— Que testamento tão extraordinário! — exclamou a viscondessa, cortando a narração.

— Claro, começaram a surgir os pretendentes — acrescentou o general.

— Desejosos e receosos — continuou Carlos — desejosos da fortuna e receosos do mistério...

Sim. Que envolveria aquela dádiva tão pródiga? Uma recompensa — ou uma cilada? Passa-se tempo. E nenhum homem se atreve a casar com aquela mulher, a tróco dum enigma perigoso...

— Mas o que leva o americano a proceder dêsse modo? — insistem agora todos, cheios de ansiosa curiosidade, no desejo de que Carlos conte o desfecho da sua novela.

— Quando ela for publicada — verão. Até lá, segredo inviolável...

Houve pedidos, protestos, ameaças. Carlos Frederico manteve-se, porém, intranzigente. Não diria o resto, não contaria mais nada, a não ser isto: que a linda viuva de Walter John acabou — *c'est l'éternelle chanson* — por encontrar um marido aventureiro que, tentado pela fortuna, se dispôs a todas as catástrofes conjugais...

E só a mim, já na rua, Carlos me segredou:

— Queres saber porque é que o americano fez o testamento naquelas condições?

— Para que a mulher não tornasse a casar, indiscutivelmente...

— Enganas-te, meu velho.

— Então?

— Para que houvesse ao menos um homem — o que viesse a casar com a viuva — que lamentasse a sua morte... Sempre prácticos, êstes americanos...

— Práticos e previdentes... E seguimos o nosso caminho, sob a noite fria, com algumas estrelas a espreitar no céu...



Eu era assim há 8 dias.

Não é milagre, nem mistério, nem bruxedo!

Esta frase foi tirada de uma carta recebida nos nossos laboratórios, em que uma cliente se declara entusiasmada com os resultados obtidos pela aplicação do CREME D'ARGY.

A sua pele estava cansada, a sua aparência era doentia. Usou durante muito tempo produtos vulgares, com nomes esquisitos, que, mais ou menos, nada significam, e não obtivera qualquer resultado.

Afinal, o que a pele requeria era «vitaminas». As células murchas, os tecidos cansados, ou por qualquer deficiência alimentar, ou pela acção do ar, davam a esta rapariga jovem um aspecto envelhecido, sem brilho, nem «sex-appeal».

O CREME D'ARGY modificou-lhe completamente o parecer, não por milagre, não por mistério, nem por encanto, mas pela transformação fisiológica que se operou na pele, devido às vitaminas. Este o resultado de um creme formulado segundo os estudos de um médico dermatológico, o célebre Dr. Charpy, da clinica especialista de speles, de Paris.

A sua descoberta foi simples, embora nunca ninguém se tivesse lembrado de a realizar antes: fornecer directamente à pele, às células cansadas ou debeis, as vitaminas, que são hoje a fonte científica da saúde, revigoramento celular. CREME D'ARGY é êsse creme vitaminado, de absorção fácil, agradável de usar por qualquer mulher elegante, e que já entre nós começa a ser divulgado pelas próprias clientes.

Qualquer médico informará qual o papel das vitaminas no organismo. Qualquer das nossas clientes dará informações preciosas sobre a acção salutar do CREME D'ARGY e os resultados obtidos.

CREME D'ARGY fabrica-se em duas formulas que se completam: como creme de usar de dia (n.º 1), aplicando-se antes do pó de arroz, e, como tratamento noturno (n.º 2), para aplicações ao deitar.

Faça uma experiência. Por 4500 pode obter nas boas casas da especialidade um estojo repleto contendo um tubo de creme n.º 1 (dia), um tubo de creme n.º 2 (noite) e duas amostras de Mousseine d'Argy. Não encontrando escreva para os Laboratórios d'Argy, Campo 28 de Maio-LISBOA

Viagem em Portugal nos comboios da C.P.

INFORMAÇÕES

em todas as estações

em Lisboa: — no Serviço do Tráfego — Telef. 2 4031

no Pôrto: — na estação de S. Bento — Telef. 1722

C I N E M A



Uma imagem do novo filme do grande realizador inglês Alexandre Korda, maravilha de technicolor, o «Ladrão de Bagdad»

NA GRÃ-BRETANHA

Começou a batalha do Filme

Os estúdios ingleses, a despeito da acção aérea inimiga, continuam em plena actividade, norteados por uma firme decisão, altamente patriótica, de contribuir para a vitória do Império e de recuperar, ao mesmo tempo, a situação de prestígio que perderam durante a guerra de 1914. Devido a uma série de erros, tanto artísticos como comerciais, o cinema inglês, então, conheceu uma fase de declínio que lhe trouxe, entre outras consequências desastrosas, a perda de vários mercados e a fuga de alguns dos seus melhores elementos para Hollywood. Hoje, porém, que nada embarça o espírito de iniciativa das firmas produtoras ou os seus planos de realização, não há razão para duvidar que ele não regressa à posição a que sempre teve direito... Os primeiros resultados estão à vista de todos. A ascensão principiu, firme e brilhante. Alguns filmes, exibidos recentemente nas nossas telas, denunciam, já, uma categoria de espectáculo que resiste à crítica mais severa... É que a actual guerra, com todo o seu cortejo de horrores, não conseguiu abalar, ou matar, no espírito dos artistas e dos realizadores, o instinto de melhorar a produção de filmes. Resultado: os estúdios, principalmente de Elstree e Pinewood, vivem uma atmosfera febril, acelerando a realização dos seus projectos para esta temporada.

Principiou a grande batalha do filme, em Inglaterra! Eis uma boa nova para aqueles que, ao eclodir o conflito que ensanguentou a Europa, lastimaram, amargamente, a falta de películas britânicas nas nossas telas, pois, decerto, não seria possível realizá-las em plena guerra. Os mais receo-

so ainda podem argumentar: para os estúdios prosseguirem em actividade, que novas despesas não serão necessárias, que outras dificuldades não terão de se vencer e onde seleccionar artistas, se o país precisar do concurso de todos — homens e mulheres? Tranquilizem-se. O receio só é permitido àqueles que não conhecem o que há de mais nobre no carácter inglês: sentido de disciplina, desprêzo pela vida, cumprimento do dever custe o que custar, e simplicidade no heroísmo. São estas as bases do carácter de uma raça que, forte de dever cívico, combate a pé firme, luta e morre, aureolando-se de martirio e de heroísmo, por uma justa causa humana. Foi este mesmo sentido de humanidade que, unindo todos os produtores na mesma fé inabalável na vitória, deu à Inglaterra uma nova e poderosa arma de combate — o filme de propaganda. Os primeiros, neste género, que se exibiram entre nós, com um êxito invulgar, foram «O leão tem asas», magistral realização sobre a acção, defensiva e ofensiva, da «Royal Air Force», e «O leão dos mares», empolgante narrativa sobre a protecção da marinha de guerra britânica aos «combóios» marítimos. A esta série heróica pertence, ainda, outro filme, recentemente concluído pelo realizador Harry Walt, e que se intitula «Squadron 992». A acção reconstrói um dos primeiros ataques aéreos, na actual guerra, contra Firth of Forth e nela se revela, através de impressionantes seqüências, o magnífico trabalho de destruição dos balões de barragem. Quando vermos este filme nas nossas telas?

ANTÓNIO LOURENÇO

CRÓNICA ALEGRE

O Carnaval do meu tempo

NEM aí o Entrudo! Este brado de alma hoje não sente efeito, mas há anos — não muitos — quando se dizia isto, ia logo uma alegria pelo Mundo que era de arripiar. Com o andar dos tempos a fúria carnavalesca foi diminuindo e hoje quasi ninguém lhe dedica uma hora de boa disposição.

Este ano o Carnaval quasi que não existe. Por motivos mais que previstos, um edital fixou a medida em que cada um pode ser folião. O Carnaval é cada um em sua casa com a sua família, e pronto.

Eu não sou muito velho. Tenho menos dois anos que o leitor, mas ainda me lembro do que foi o Entrudo em Lisboa.

«Córso», máscaras, partidas, bisnagas, sacos, papelinhos, farinha, tremoços e, sobretudo, muita brutalidade, nada faltava. Mas uma pessoa divertia-se. Estragava um fato? Deixá-lo, também tinha estragado o fato aos outros. Partiam-lhe a cabeça? Que importava se também tinha partido algumas cabeças. Tinham-lhe vasado um olho? Que fazia isso ao caso se também tinha vasado olhos. E era tudo assim. Cada um podia ser malereado, cometer barbaridades, dizer sandices, que ninguém levava a mal e, pelo contrário, até lhe achavam graça.

Lembro-me perfeitamente — e o leitor, também, porque continua a ser mais velho que eu dois anos — que havia ruas em Lisboa onde não se podia passar nem com «navicert». Os tremoços, as castanhas embrulhadas em papel de seda e os saquinhos com areia davam ao local um aspecto de campo de batalha. Na avenida havia o «córso». Carros enfeitados, trens e carroças engalanadas, e os respectivos cavalos mascarados, num vaivém constante, davam à nossa principal artéria categoria de Nice. As pessoas que iam nos

carros tinham direito a insultar os transeúntes. Ninguém levava a mal e até era fino.

Outro aspecto curioso do Carnaval eram as máscaras. Havia menino que se mascarava só para ir à procura das pessoas conhecidas e com voz de eunuco dizer tudo quanto lhe apetecesse. E quanto verdade não se dizia!... Coisas que cara a cara não havia coragem para proclamar eram ali ditas em ar chocarreiro e o visado ouvia, engulia em seco e acabava por achar graça.

Erão trez dias bem passados e quem escapasse de ir parar ao hospital ou à esquadra já sabia que na quarta-feira de Cinzas ia para as hortas comer bem e beber melhor. Era o rescaldo.

Outra faceta curiosa do Entrudo eram as «partidas» ou «pulas». Conheci indivíduos que um mês antes do Carnaval começavam a fazer partidas aos conhecidos e só acabavam em terça-feira do dia. E houve partidas das boas, daquelas que até metiam o faticimento dos entes queridos. Outras causavam prejuízos, outras ainda provocavam conflitos, mas assim é que tinham graça. Se das partidas não viessem consequências também não valia a pena fazê-las.

Eu que continuo, nesta altura da crónica a ter os mesmos dois anos a menos que o leitor, fui um grande brincalhão nos meus tempos. O meu género eram, precisamente, as partidinhas. Ainda hoje, apesar de já não brincar ao Carnaval, gosto de as pregar. Foi jeito que me ficou. Todos os anos tenho que fazer uma partida pelo menos.

A dêste ano acabo agora de a pregar.

No ante-título dêste artigo prometi ao leitor uma crónica alegre e esta, louvado seja Deus, é mais triste que o Carnaval dêste ano.

Marçal Saldanha

PLANOS DE CONJUNTO

O novo filme de Leitão de Barros intitula-se «Ala, arriba!»

A convite da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim efectuou-se, há dias, uma reunião de vários elementos oficiais e dos srs. Leitão de Barros e dr. Alfredo Cortez, a-fim-de se trocarem impressões acerca da possibilidade de execução de um filme de grande metragem, sobre os antigos costumes e tradições poveiras, que se intitulará «Ala, arriba!» A iniciativa foi acolhida com grande regosijo pelos presentes, que se comprometeram a prestar a

sua maior colaboração para ser levado a efeito o filme.

Chianca de Garcia continuará no Rio de Janeiro?

Segundo recentes notícias recebidas da capital carioca, a equipa portuguesa que participou na realização de «Pureza», para a Cinédia, prepara-se para regressar a Lisboa. Aquilino Mendes e Fernando Barros principiarão a fazer as despedidas... Chianca de Garcia, porém, ainda não decidiu se os acompanhará. Tudo depende das negociações em curso sobre a realização de um novo filme.



O NOSSO CONCURSO FOTOGRÁFICO

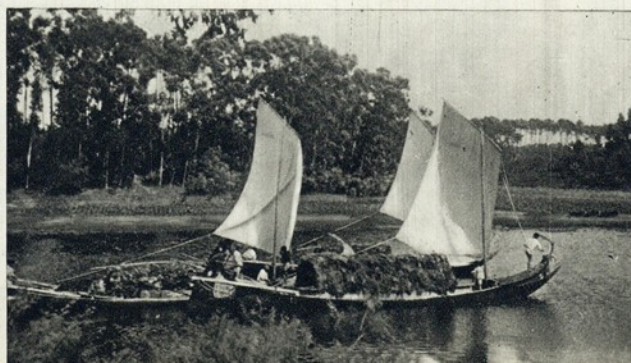
Despertou enorme entusiasmo o concurso do «Mundo Gráfico» entre os não profissionais de fotografia. Temos recebido dezenas de cópias de todos os pontos do país, e do estrangeiro, com assuntos de relêvo e de notável expressão artística. O prazo do concurso termina no dia 28 do corrente, inclusivê.

Concorrentes! Aproveitai êstes últimos dias! Estão ainda a tempo!

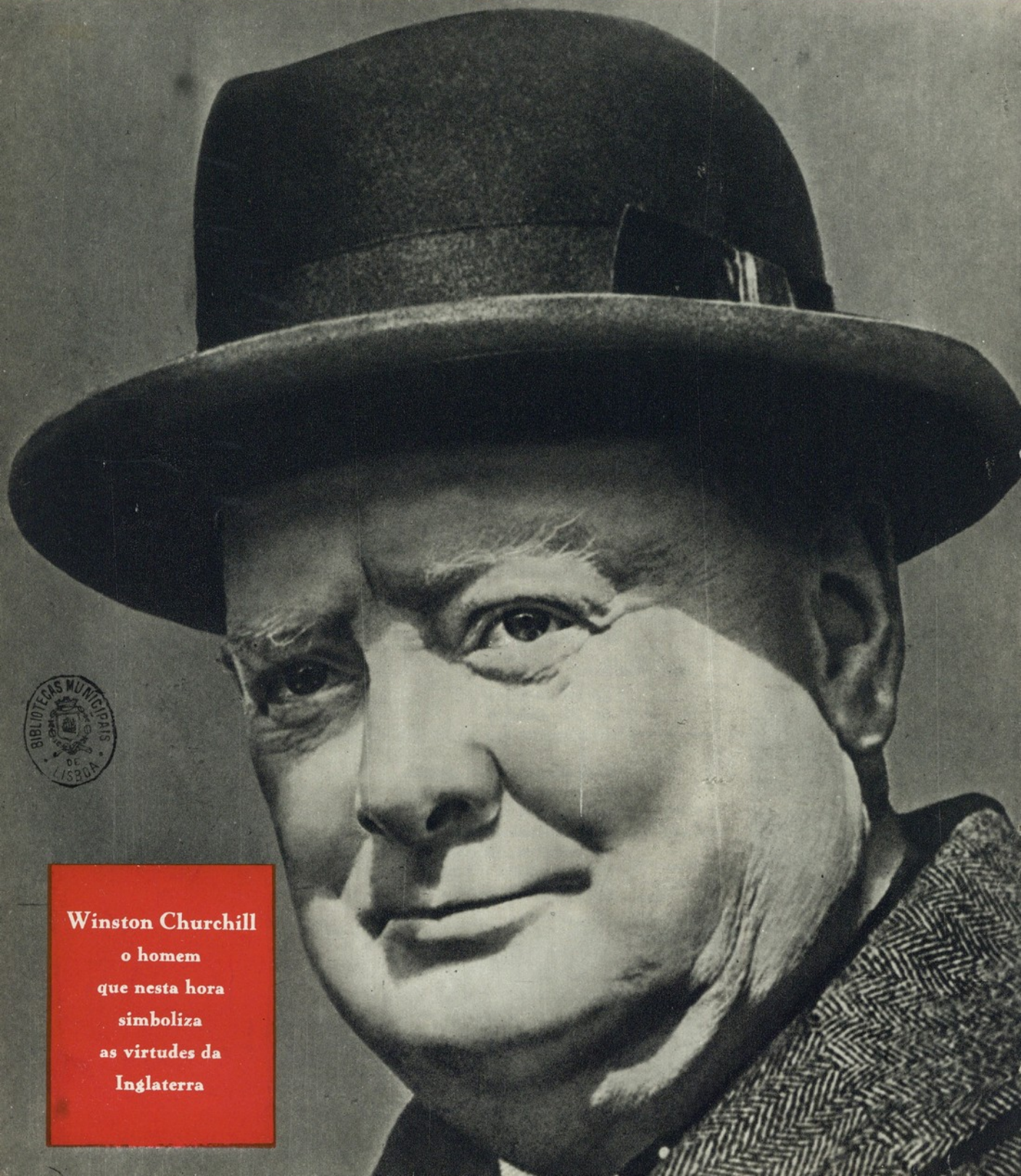
TRÊS PRÊMIOS:

- 1.º de 500 escudos
- 2.º de 250 escudos
- 3.º uma assinatura do MUNDO GRÁFICO

Reproduzimos nesta página, sem qualquer selecção official, algumas das fotografias que nos foram enviadas. São as primeiras imagens do nosso concurso. Outras serão em breve publicadas.



MUNDO GRÁFICO



Winston Churchill

o homem
que nesta hora
simboliza
as virtudes da
Inglaterra